



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicanálise

Mestrado

Pesquisa e Clínica em Psicanálise

Viviane Espírito Santo dos Santos

**SOBRE A SURDEZ:  
AS INCIDÊNCIAS DA LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

**RIO DE JANEIRO**

**2013**

Viviane Espírito Santo dos Santos

**SOBRE A SURDEZ:  
AS INCIDÊNCIAS DA LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Curso de Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Heloisa Caldas.

Rio de Janeiro

2013

Viviane Espírito Santo dos Santos

**SOBRE A SURDEZ:  
AS INCIDÊNCIAS DA LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Curso de Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Profª Drª Heloisa Caldas (Orientadora)  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Profª Drª Ana Costa  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Profª Drª Inês Catão  
Universidade de Brasília (UNB)

Rio de Janeiro

2013

## **DEDICATÓRIA:**

Dedico este trabalho à duas pessoas muito importantes para mim.  
Ao meu marido Lauro Rodrigo pelo incansável apoio ao meu percurso.  
À minha irmã Vanessa pelas muitas horas de escuta e interlocução.

## **AGRADECIMENTOS:**

Ao Lauro Rodrigo, pelo apoio, carinho e paciência em todos os momentos de estudo, estresse, escrita.

À Vanessa, pelas horas de interlocução entre a arte e psicanálise, pelo apoio nos momentos difíceis, pelas leituras e críticas.

Ao Sérgio Gondin, pela escuta durante todos esses anos, da intenção à extensão sustentada na transferência.

À Heloisa Caldas pela interlocução, ensino, leitura paciente e contribuições importantes, com o rigor devido. Pelas indicações de leitura, pontuações clínicas e teóricas, enfim, por todo o trabalho ao longo desses anos, com transferência e carinho.

À Inês Catão pelas contribuições muito importantes não só na dissertação mas também em meu percurso pela psicanálise, na Escola, nos congressos e nos cursos.

À Ana Costa, por todas as orientações de leitura feitas na Banca de Qualificação, que direcionaram de maneira decisiva meu trabalho.

## EPÍGRAFE:

“Até que ponto se entende o Silêncio? O Silêncio alimenta a percepção? Ou o Silêncio é a percepção? O Silêncio aumenta os sentidos? Ou o Silêncio apenas ao retirar o som da voz faz com que se acorde para a vida? Percebe que algo acontece durante o Silêncio? O Silêncio conecta os olhares. O Silêncio deixa escutar o som da respiração. O Silêncio não te deixa só. Pelo contrário, o Silêncio te deixa junto. Junto daquilo que não se pode entender, ver, racionalizar. O Silêncio fala aos sentidos e faz com que se perceba que ele existe sim, mesmo que sempre apareça muito quieto. O Silêncio é sentimento, a voz é determinação. O Silêncio é deixar sentir o mundo. A voz é a tentativa frustrada de dar nomes ao que o Silêncio proporciona. Mas isso não faz com que ele seja o oposto da fala. Jamais isso seria assim. Porque o Silêncio fala, mas diz em outra língua o que deve ser dito, o Silêncio denuncia outro tipo de Linguagem. O Silêncio deixa de lado a Linguagem falada para se deixar entender a Linguagem do Corpo. Será que de alguma forma o Silêncio é o invisível que se deixa perceber? Ou será que o Silêncio é o indizível, o inominável, o indeterminável, o irracionalizável? Parece que o Silêncio às vezes se impõe. Ele reconhece a sua importância. Em alguns momentos ele é indispensável, totalmente necessário. Aparece só. Irremediavelmente só.”

Vanessa Santos – “Sem Título”.

## **RESUMO:**

Esta dissertação como requisito parcial ao título de Mestre é fruto de extensa pesquisa sobre a constituição do sujeito considerando questionar as particularidades de um sujeito marcado pela surdez. Considera-se o campo da psicanálise aplicado à questão da constituição do sujeito marcado pela surdez. A partir de um histórico sobre a surdez em diversos campos de saber, faz-se uma trajetória trilhada nos textos freudianos e pautada na teoria lacaniana. A presente autora se propõe a analisar livros autobiográficos de pessoas surdas como possibilidade de articular teoria e clínica a partir desta particularidade. Sustenta-se que os objetos *a* e dentre eles a voz, se fazem presentes mesmo nos casos de surdez, onde a falta de audição sonora é marcada no corpo. Delimita-se a voz como objeto *a* inserida na dimensão do desejo do Outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Constituição do sujeito, objeto *a*, surdez, voz.

## **ABSTRACT:**

This dissertation as a partial requirement for the Master's degree is the result of extensive research on the subject constitution question considering the particularities of a subject marked by deafness. Considering the field of psychoanalysis applied to the question of the constitution of the subject marked by deafness. From a history of deafness in various fields of knowledge, it is a path trodden in the Freudian texts and guided in Lacanian theory. This author proposes to analyze autobiographical books of deaf people as a possibility to articulate theory and practice from this arrangement. It is sustained that objects *a* and among them the voice, are present even in cases of deafness, where the lack of hearing sound is marked on the body. The voice is delimited as object *a* inserted in the realm of the Other's desire.

Keywords: Deafness, object *a*, subject constitution, voice.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1. Alfabeto Manual proposto por Fray Melchior Yebra .....	21
Figura 2. Classificadores da Língua Brasileira de Sinais .....	26
Figura 3. Número cinco (5) .....	26
Figura 4. Palavra “Inteligente”. Fonte: Dicionário de LIBRAS On-Line .....	27
Figura 5. Esquematização da autora a partir da teorização dos três polos linguagem-percepção-pensamento ao estudo da psicologia em surdos .....	28
Figura 6. O circuito pulsional .....	53
Figura 7. O grafo do desejo .....	62
Figura 8. O Horkappe .....	64

## SUMÁRIO:

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. Uma breve abordagem histórica da surdez</b> .....	17
1.1 A surdez segundo a Filosofia.....	18
1.2 A surdez segundo a Educação.....	21
1.3 A surdez segundo a Linguística.....	24
1.4 A surdez segundo a Psicologia.....	28
1.5 A surdez no Brasil.....	30
<b>2. A constituição do sujeito: um recorte teórico</b> .....	33
2.1 A experiência de satisfação .....	33
2.2 Demanda e desejo.....	35
2.3 Complexo do próximo.....	39
2.4 Sobre os estóicos.....	41
2.5 <i>Das Ding</i> .....	43
<b>3. A pulsão invocante e o objeto voz</b> .....	47
3.1 Movimento pulsional: três tempos da pulsão.....	49
3.2 Sobre o objeto da pulsão – <i>Drang, Ziel, Objectt e Quelle</i> .....	52
3.3 Sobre o amor e a pulsão.....	54
3.4 As pulsões e sua relação com o corpo.....	56
3.4.1 Os objetos oral e anal .....	56
3.4.2 O falo como objeto.....	59
3.4.3 A pulsão escópica e objeto olhar.....	60
3.4.4 A pulsão invocante e o objeto voz.....	61
3.4.5 Ressonância da voz como objeto <i>a</i> .....	66
<b>4. A constituição do sujeito – Recortes Clínicos</b> .....	70
4.1 Helen Keller e sua escrita. Um contorno pela via do olhar.....	70
4.2 Emmanuelle Laborit - o grito da gaivota e o objeto voz .....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	79
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	85

## INTRODUÇÃO

“A estrutura verbal é cabalmente específica e temos um testemunho dela no fato de que aqueles aos que se chamam surdos-mudos são capazes de um tipo de gesto muito diferente do gesto expressivo enquanto tal. O caso dos surdos-mudos é demonstrativo do fato de que há uma predisposição à linguagem, incluso naqueles que estão afetados por uma dita invalidez... A linguagem com os dedos não se concebe sem uma predisposição a adquirir o significante, qualquer que seja a invalidez corporal” (LACAN, 1975, p.135).

A proposta deste trabalho delimita como questão principal como se dá a constituição de um sujeito com uma invalidez corporal auditiva. Essa e outras questões surgem desde o título escolhido: “Sobre a surdez”. Por que escolhemos usar o termo surdez ao invés de "sujeito surdo"? Porque decidimos falar da constituição do sujeito com uma particularidade no corpo, razão pela qual utilizamos o termo "surdez" evitando adjetivar o sujeito como “sujeito surdo”. Devemos delimitar, portanto, o termo "sujeito" com o rigor que o utilizamos.

O sujeito da psicanálise não tem atributos. Trata-se do sujeito do inconsciente, que emerge entre um significante e outro e se sustenta em uma análise. É o sujeito do desejo. Colette Soler (1997, p.56) aponta que o sujeito não é uma substância, mas sim um efeito do significante. O sujeito surge como um efeito do campo do Outro, do contorno da linguagem nas bordas do corpo. Esse é o sujeito de que falamos. Utilizar "sujeito surdo" leva a crer que haveria uma especificidade para esse sujeito com a particularidade da surdez no corpo. Essa especificidade, porém, não existe. O sujeito é sempre singular, independe de "adjetivos" que o qualifiquem. Foi nesse sentido que utilizamos o termo surdez.

E por que "sobre" a surdez? Sobre, no dicionário, possui diversos significados, dentre eles "por cima de" e “acerca de”. Sustentamos também a utilização do “sobre” com dois sentidos: “por cima” da surdez e além da surdez, a constituição do sujeito se dá. Ou seja: a partir do campo da psicanálise pensamos que a constituição do sujeito ocorre sobre a surdez e a despeito dela.

Outra delimitação importante a fazer: preferimos a utilização do termo “surdez” ao termo “deficiência auditiva”. Conforme explicaremos melhor no primeiro capítulo do presente trabalho, o termo “surdez” se associa à visada cultural da chamada “perda de audição” e, com isso, associa-se à identificação de grupo, nomeada “identidade surda”. Já o termo “deficiência auditiva” é mais utilizado no campo médico e circunscreve a perda de audição pela “deficiência”. Um dos significados do termo “deficiência” é “insuficiência”.

Conforme explicaremos no primeiro capítulo, dentro das discussões históricas e culturais que envolvem a “perda de audição”, considera-se “deficiente auditivo” aquele que adquire, como primeira língua, a língua oral vigente do país, aquele que não possui uma “identidade surda”. Preferimos a utilização do termo “surdez” para versar sobre aqueles que não ouvem e que sustentam uma “identidade surda”, se inserem cultural e socialmente junto a outros membros da comunidade surda e falam em língua de sinais.

O percurso do primeiro capítulo é iniciado com um breve histórico sobre a surdez na filosofia. Dentro desse campo de saber, as discussões que se colocam passam por algumas questões: haveria uma forma de organização de pensamento diferente em uma pessoa surda, visto que a modalidade da linguagem é diferente? Seria a língua de sinais menos organizada que a língua oral, mais próxima da coisa que ela representa? Seria a língua de sinais mais “animal” do que a língua oral? Desenvolveremos o ponto de vista filosófico mantendo essas questões no horizonte, passando por Sócrates, Aristóteles, Rousseau, Diderot e Santo Agostinho.

Outro item desse primeiro capítulo versa sobre a surdez e a educação. A maior parte das pesquisas no campo da surdez estão no campo da educação. Faremos um histórico sobre os primeiros autores que abordaram a educação de surdos. As questões no campo da educação são: qual é o método mais adequado para se educar um surdo? Deve-se usar a língua de sinais ou deve-se ensinar a língua oral vigente? Faremos um percurso histórico sobre os métodos de educação dos surdos desde 1510 até os dias de hoje.

Discorreremos também sobre o campo da linguística. Neste saber, as questões da surdez passam pela sustentação da língua de sinais. O que é a linguagem? E a língua? A língua de sinais é uma língua reconhecida pela linguística? Passaremos pelos classificadores e pela diferença entre a modalidade oral/auditiva e a modalidade gestual/visual. Esse campo traz questões para não importantes porque elas serviram de apoio para as renovações que Lacan trouxe à psicanálise. Dentre os aspectos mais importantes, ressaltamos a diferença entre língua e fala, visto que as discussões filosóficas passam pela sustentação da fala articulada em sinais e pela assunção da língua de sinais como uma língua. Cabe, aqui, fazermos a diferença.

A linguística se divide em dois polos: o polo formalista, com sua origem nos estudos de Saussure, que enfatiza a ideia de língua como um sistema estrutural e, nesta linha, a língua é um objeto autônomo às interações sociais; e o polo funcionalista, com suas origens nos

estudos de Roman Jakobson, que estuda a relação entre a estrutura da língua e os contextos sociais comunicativos empregados pelos falantes.

No polo formalista, a corrente estruturalista baseada nos estudos de Saussure desenvolve-se a partir de dicotomias. A língua e a fala, a sincronia e a diacronia, paradigma e sintagma, forma e substância, significado e significante, motivado e arbitrário. Aqui, abordaremos somente a dicotomia língua e fala.

“A linguagem é multiforme e heteróclita... ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (SAUSSURE, 2006, p.17).

Para Saussure, a linguagem é um objeto duplo que implica duas faces: uma face essencial ao estudo da linguística, que se apresenta com um caráter social e independente do indivíduo, a que chamamos de língua (*langue*), e uma face secundária ao estudo, de caráter individual, a fala (*parole*). Essas duas partes da linguagem são ligadas entre si e ambas se implicam de forma mútua. A fala é inconcebível sem a língua, visto que a fala se desenvolve a partir da língua materna e a língua evolui a partir da fala, uma vez que, ao ouvir outras pessoas, os hábitos linguísticos são modificados.

A língua é, então, uma parte da linguagem. “É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício da faculdade nos indivíduos” (*idem*, 2006, p.17). Vemos que Saussure marca a língua como a face social da linguagem, ele a considera como uma parte essencial da linguagem e sua existência decorre da interação entre os membros de uma mesma comunidade, daí o seu caráter social. O indivíduo sozinho não cria nem modifica a língua. (COSTA, 2009).

Já a fala é o uso individual da língua realizado pelo falante. Corresponde à combinação realizada pelo falante dos signos que compõem a língua no ato da fala, correspondendo também ao mecanismo psicofísico que permite ao falante expressar seus pensamentos ao falar. A fala se relaciona à utilização prática de uma língua por um falante. Por isso, o caráter individual. É um indivíduo que fala, o que implica o uso feito por ele de uma língua existente no contexto

social. De uma maneira pessoal, ele utiliza o código comum, o código social. A língua é condição para que haja a fala.

A língua é necessária para que a fala seja compreensível e para que o falante, conseqüentemente, possa vir a atingir os seus propósitos comunicativos; por outro lado, a língua só se estabelece a partir das manifestações concretas de cada ato linguístico efetivo. Assim, a língua é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto da fala (COSTA, 2009, p.116).

No polo funcionalista, Roman Jakobson também se interessou em diferenciar fala (*parole*) de língua (*langue*). Essa corrente, porém, defende a ideia de que a linguística estuda a relação da estrutura gramatical das línguas e os contextos em que elas estão inseridas. (CUNHA). Jakobson nos diz que falar implica em selecionar algumas unidades linguísticas mais simples para formar unidades linguísticas mais complexas. O falante seleciona palavras para formar frases de acordo com o sistema sintático estabelecido pela língua utilizada por ele. Nesta corrente, fala e língua estão mais enredadas, mas percebe-se claramente a diferença entre elas. Na fala, há a seleção ou a combinação de unidades linguísticas, os fonemas, para a formação das palavras e frases. As unidades linguísticas são determinadas previamente, a partir do sistema de comunicação dado pela língua. Percebe-se também que a língua se relaciona com o universal da linguagem e a fala está ligada ao individual.

Na psicologia, os estudos que abordam a surdez surgem por volta de 1900 com as escalas de inteligência. Nesse corpo teórico, as questões giram em torno do pensamento, da linguagem e da percepção. Será que a diferença no campo de percepção, visto não haver um dos órgãos de percepção operando, influenciaria no desenvolvimento do pensamento? Como a língua de sinais é uma língua que se baseia em signos motores, de que natureza representativa é essa língua? Haveria um desenvolvimento do intelecto diferente no caso dos surdos? Abordaremos essas questões discorrendo sobre alguns autores que trabalharam com crianças surdas e que se utilizaram dos trabalhos de Piaget e Vigostsky.

Encerramos esse capítulo com um percurso histórico no Brasil, que possui estudos e trabalhos na área de educação desde 1855 com a chegada do professor E. Huet, surdo, francês. Faremos um histórico desde essa data até os dias de hoje.

No capítulo 2, faremos um percurso teórico sobre a constituição do sujeito marcando a questão da surdez dentro do campo psicanalítico. Esse capítulo se baseia nos textos

freudianos, principalmente em “Projeto para uma psicologia científica” e na “Carta 52”. Esse percurso visa o entendimento da experiência de satisfação, bem como o complexo do próximo e *Das Ding*. Introduziremos, também nesse capítulo, dois grandes parênteses: um sobre demanda e desejo, outro sobre os estoicos. A demanda e o desejo se articulam à constituição do sujeito. Os estoicos serão abordados a partir da aproximação do termo “*Das Ding*”, freudiano, ao termo “*lektón*” no estoicismo.

O capítulo 3 aborda a pulsão invocante e o objeto voz. Para tanto, será necessário um percurso sobre as pulsões. Nesse contexto, basearemos nosso trabalho nos artigos freudianos “Pulsões e destinos das pulsões” e “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Há um adendo sobre o amor e a pulsão, visto que o amor se funda no narcisismo e que há diferenças entre o amor e a pulsão. Ainda nesse capítulo, trataremos dos objetos parciais: seio, na vertente oral, fezes pela via anal, o falo e a estruturação psíquica, o olhar e a pulsão escópica, a voz e a pulsão invocante. Aqui, nossa questão norteadora é sobre a possível circunscrição do objeto voz, mesmo em pessoas que não ouvem.

No último capítulo, encerramos a dissertação com um recorte “clínico”, a partir de duas autobiografias: o livro “A história de minha vida”, de Helen Keller, surda e cega, e “O grito da gaivota”, de Emmanuelle Laborit, surda. Ambos os textos dão a ver a constituição do sujeito e a circunscrição do objeto pela via do desejo do Outro.

## 1.

### Uma breve abordagem histórica da surdez

“Se não tivéssemos voz nem língua e quiséssemos manifestar reciprocamente as coisas, por acaso, não tentaríamos, como faz os surdos, manifestar as coisas com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” (SÓCRATES *apud* STROBEL, 2009, p.18).

Essa citação de Sócrates é o registro mais antigo que se tem das línguas de sinais e data de 368 a.C. Este capítulo discorre sobre a surdez como conceito, tendo por base uma abordagem histórica e cultural do termo que significa “aquele que não tem a capacidade de ouvir”.

Na medicina, a surdez se associa à perda da audição, ou seja, quando o aparelho auditivo não é capaz de reconhecer as ondas sonoras. Ela pode ser dividida em surdez leve, moderada, severa e profunda. No âmbito médico, surdez e deficiência auditiva são sinônimos.

Já na via cultural, o conceito de surdez se articula com o plano histórico e se relaciona com uma identidade grupal chamada de “identidade surda”. O indivíduo que se reconhece surdo sustenta sua língua (a língua de sinais) e uma identidade com os outros membros dessa cultura. Neste campo, considera-se “deficiente auditivo” aquele que reconhece palavras e frases e adquire a linguagem através da língua oral vigente do país (por meio da utilização de aparelhos auditivos, implantes cocleares ou leitura labial). O “deficiente auditivo” é aquele que possui uma identidade “ouvinte”. Nesse sentido, preferimos utilizar o termo “surdez” ao longo do trabalho para designar o campo de que se trata: falamos daqueles que não têm a capacidade de ouvir e que sustentam uma cultura e uma identidade com os membros da comunidade surda. O termo “surdez” considera as identificações e um meio cultural particular no qual o surdo se insere, diferente do termo “deficiência auditiva”. Então, aqueles que se dizem “surdos” sustentam essa identidade de grupo, juntamente com uma língua de sinais.

A partir dessa divisão metodológica, podemos instituir algumas questões norteadoras deste capítulo: como a sociedade instituiu o lugar do surdo? Quais as consequências da introdução da língua de sinais em um mundo oral? Há uma forma diferente de organização do pensamento em uma pessoa surda? Esses questionamentos são recorrentes dentro do campo da



surdez. Destacamos alguns campos de saber que discorrem sobre isso: a filosofia, a educação, a linguística, a psicologia e a psicanálise.

### *1.1 A surdez segundo a Filosofia*

Assim como não se tem um registro preciso do aparecimento das línguas orais, as línguas de sinais existem há muito tempo, mas sem um registro preciso de suas origens. O registro mais antigo, conforme citado anteriormente, é de 368 a.C., na fala de Sócrates.

Sócrates, no diálogo Crátilo, pergunta a Hermógenes: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (STROBEL, 2009, p.18).

Para esse filósofo, a língua dos surdos é uma forma de comunicação. A única possível quando não se pode sustentar uma fala pela via oral.

Já para Aristóteles, a fala por meio de sinais não é considerada uma fala. Para ele, a fala era somente aquela sustentada pela via oral. Em seu texto “História dos animais”, questiona: “Seriam os surdos todos mudos?” E defende que “os surdos de nascença são também mudos. São capazes de emitir sons, mas não têm propriamente uma linguagem articulada” (ARISTÓTELES, 2006, p.193). Essa sua afirmação levou filósofos da linguagem e educadores da época a questionar sobre a língua de sinais. Seria possível sustentar uma língua de sinais como uma fala?

Rousseau (1997, p.266), em seu “Ensaio sobre a origem das línguas”, preocupa-se com a origem das línguas visando a fundar uma diferença entre o humano e o animal. Para o autor, a origem das línguas não está nas necessidades do homem, mas em suas paixões, o que o autor designa como “necessidades morais”. “As necessidades morais” são do ser falante, do humano, elas são o suporte da capacidade de fala, diferente do que o autor considera como a “língua dos animais”, que seria supostamente transmitida de forma fisiológica. Os animais nasceriam já sabendo sua linguagem, diferente da linguagem humana que é adquirida e aprendida.

Nesse texto, o autor apresenta dois tipos de comunicação: a “linguagem dos gestos” e a “linguagem da voz”. A “linguagem dos gestos” baseia-se em sinais, valendo-se do corpo para

expressar sentimentos e palavras. Rousseau considera que a linguagem gestual precede a palavra, há povos que se utilizam mais da linguagem gestual do que da palavra. Compara, por exemplo, um francês que elucubra sobre um tema utilizando-se mais da linguagem "da voz" e um turco que faz um movimento com o cachimbo na boca e diz meias palavras, exemplificando, assim, a linguagem "dos gestos". Para Rousseau, ambas as linguagens são naturais e visam à comunicação (*id*, 1997, p. 260).

Quanto aos surdos, o autor baseia seu trabalho nos trabalhos de Pereyra<sup>1</sup> sobre a educação de surdos. Para Rousseau, o ensino da fala e de sua compreensão, no que concerne aos surdos, se sustenta na linguagem "dos gestos". Essa linguagem é não menos complicada do que a oral para que alguém possa fazer-se entender. Nesse sentido, retomando Rousseau, a linguagem "dos gestos" está na mesma via da linguagem "da voz". Tanto a linguagem "dos gestos" quanto a linguagem "da voz" são da ordem do humano, de um ser que fala. Ambas são aprendidas e não transmitidas de forma fisiológica, como a linguagem dos animais, baseando-se também nas "necessidades morais", nos sentimentos.

Outro autor que aborda a surdez é Diderot. Em seu texto "Cartas sobre os surdos-mudos para o uso dos que ouvem e falam" (1993), ele questiona se haveria diferença na estruturação do pensamento, a partir da organização semântica e gramatical da língua adquirida por um sujeito, considerando as variações das línguas latinas, anglo-saxônicas e línguas de sinais dos surdos. Para esse autor, a importância de pensar a língua de sinais está na proximidade entre essa língua e as coisas, assim como o hieróglifo está próximo daquilo que pretende representar.

Ele se interroga sobre a possibilidade de haver uma língua que se apresente como mais próxima daquilo que o espírito quer "dizer". Para ele, a língua se divide em três tempos: nascimento, formação e perfeição. Todas as línguas partiriam de uma língua de gestos. A única língua que atinge o terceiro estágio é o francês, por ser uma língua que se utiliza da inversão<sup>2</sup>. A inversão ou hipérbato é uma figura de construção, subcategoria das figuras de linguagem, em que os termos da frase - sujeito, verbo, complementos e adjuntos - são invertidos com a intenção de dar ênfase dramática à oração (SÉRGIO, 2010).

---

<sup>1</sup> Jacob Rodrigues Pereyra foi educador de surdos na França. Criador do alfabeto de surdos (Rousseau, 1997).

<sup>2</sup> De acordo com Campello (2008, p. 58), a inversão é um signo de estudo que propulsionou os campos da linguística, da epistemologia e da estética.

De acordo com Campello (2008, p.58), Diderot defende a língua dos surdos e considera que esta sustenta um discurso. Em contraponto, segundo Souza (1995), Diderot deixou implícito neste trabalho uma superioridade das línguas orais sobre as línguas de sinais. Nossa posição é a de que a superioridade proposta por Diderot é da língua francesa sobre as demais línguas, sejam elas de sinais ou orais, pois, para o autor, o francês é a única língua a atingir o estágio da perfeição. Assim como Campello, destacamos a importância da afirmação de Diderot, ao conceber a língua de sinais dos surdos como um discurso.

Diderot propõe a língua de sinais como uma língua bastante metafórica, com uma boa construção, na qual a ideia principal é apresentada primeiro. Também para ele, é difícil precisar os tempos verbais em língua de sinais, se a compararmos à língua francesa que possui inúmeros tempos verbais. Considerando que o tema central de seu trabalho era a diferença de pensamento de acordo com a língua que se fala, poderíamos dizer que há diferenças na estruturação do pensamento de uma pessoa surda?

A diferença na estruturação do pensamento também foi abordada por Santo Agostinho. Ele parte da informação de que São Jerônimo ensinava o evangelho aos surdos por meio dos sinais. Para ele, a fala por gestos é equivalente à fala oral. Considerava que a língua de sinais era uma língua verdadeira e transmitida de geração para geração, entre os surdos<sup>3</sup>. Com essa língua, era possível transmitir tudo, aos moldes de uma língua oral.

De acordo com esse autor, a importância de afirmar a língua de sinais como um discurso passa pela moralidade e pela possibilidade de um surdo entender os ensinamentos de Deus. Para ele, a fala de gestos é uma via de acesso, para o surdo, à palavra de Deus. Afirma também que um surdo mereceria ser salvo e conhecer a palavra de Deus, o que só seria possível mediante a língua de sinais.

Então, na via filosófica, os questionamentos em relação aos surdos passavam pela comunicação: um surdo poderia adquirir a linguagem? A formação de pensamento de um surdo seria diferente da formação de pensamento de um ouvinte? A língua de sinais seria menos desenvolvida que a língua oral? Essas dúvidas originaram uma questão sobre a educação dos surdos. Poderia um surdo ser educado, aprender a ler e a escrever?

---

<sup>3</sup> No Brasil, o decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005 sanciona a prioridade de formação de professores surdos para o ensino da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Esse tema será abordado mais adiante neste capítulo.

## 1.2 A surdez segundo a Educação

Outro campo de saber que aborda a surdez é o da educação. Dividimos nosso histórico em uma escala de tempo. Abordaremos alguns autores que originaram os questionamentos sobre a surdez.

Pedro Ponce de Leon (1510-1584) foi um monge beneditino espanhol que educava surdos. Ensinou a quatro crianças surdas, filhos de nobres, a falar grego, latim e italiano. Essas crianças também aprenderam física e astronomia. Seu método incluía a datilologia, no qual as letras do alfabeto manual são soletradas, uma a uma, formando as palavras, a escrita e a oralização. Esse professor também fundou uma escola de professores de surdos e defendeu o direito à herança para filhos primogênitos surdos (GOLDFELD, 2001, p.28). Segundo Quirós e Gueler (*apud* SOARES, 1999, p.20), Leon não deixou nada por escrito, razão pela qual não se sabe de sua metodologia.

Fray de Melchor Yebra foi o autor do primeiro documento a abordar o método de ensino para surdos (CLEVE&CROUCH, 1989, p.11). Em seu livro, “*Refugium Infirmorum*”, apresenta o alfabeto manual da época com ilustrações da configuração das mãos sinalizando as letras de A a Z. Como o ilustra Plann (1997, p.40):

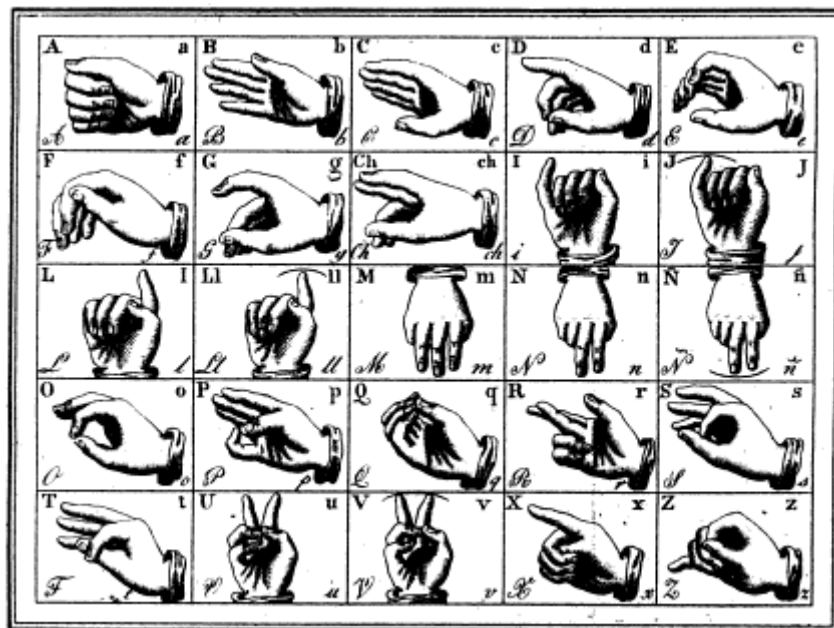


Figura 1. Alfabeto Manual proposto por Fray Meschior Yebra (Plann, 1997, p.40).

Fray Melchior Yebra foi o primeiro a publicar o alfabeto manual espanhol, mas não foi seu criador. A utilização das mãos para representar letras ou números foi verificada desde muito antes, na Grécia e na Roma antiga (PLANN, 1997, p.40 e 41).

Juan Pablo Bonet (1620), autor do livro “Redução das letras e a arte de ensinar a falar os mudos”, foi o primeiro a abordar a educação dos surdos, a partir dos trabalhos de Yebra. Seu livro apresenta um método de trabalho com surdos, cuja abordagem era oral (KYLE, 1987, p.143). Seu método pedagógico consistia em ensinar o alfabeto manual juntamente com a escrita das letras e sua forma oral. Depois disso, ensinava a forma oral das palavras e o som das letras. Os signos das letras facilitavam a compreensão oral (*id*, 1987, p.143).

John Wallis (1653) foi um grande matemático que desenvolveu estudos sobre a fala. Ele pesquisou sobre a produção de sons na fala e a considera como um processo físico, através do qual a linguagem é expressa. Tornou-se conhecido na Inglaterra por seu trabalho intitulado “Da fala ou da formação dos sons na fala” (SOARES, 1999, p.18), e foi procurado pela família de Daniel Whaley, um menino surdo, que Wallis educou e ensinou a falar. Tentou uma abordagem oralista sem sucesso e ficou surpreso com a capacidade de Daniel para os sinais. Foi o fundador de uma pedagogia para a educação de surdos na Inglaterra (BRANSON & MILLER, 2002, p.79). Percebeu que era possível ensinar um surdo a falar oralmente a partir da língua de sinais.

Johann Konrad Amman(1698-1774), em seu grande trabalho “A dissertation speech”, baseou-se na vibração. Sustentou a ideia de que o surdo podia sentir as vibrações da voz colocando sua mão na garganta de outra pessoa enquanto a mesma falava. Essa pesquisa contribuiu para o desenvolvimento do método oralista (OLIVEIRA, 2012, p.34). De acordo com Cervellini (2003, p.32), Amman foi um dos expoentes do oralismo alemão.

Em 1644, John Bulwer publicou o livro “Chirologia” e, em 1648, o livro “Philocopus”. Sua obra aborda a língua de sinais. Para o autor, a língua de sinais funciona da mesma forma que a língua oral para expressar conceitos. Defendia a língua gestual como a essência da educação dos surdos e considerava necessário que o surdo aprendesse, primeiro, a língua de sinais para, depois, aprender a fala oral (GUARINELLO, 2007, p.22).

Samuel Heinicke é considerado o pai do método alemão. Fundou a primeira escola de oralismo puro, em Leipzig, em 1778. De acordo com GUARINELLO (2007, p.24), Heinicke foi o fundador do método oralista, no qual somente a língua oral é utilizada na educação dos

surdos. Esse método consiste em fazer os surdos expressarem-se oralmente. Ele recorria aos sinais, mas apenas com o objetivo de fazer os surdos falarem oralmente.

Abade Charles Michel de L'Épée (1760) foi influente na educação de surdos. De acordo com Reily (2004, p.115), esse autor destacou-se na educação de surdos por usar os sinais como ponto de partida para a educação. Foi o fundador do “Instituto para jovens surdos e mudos de Paris”, primeiro estabelecimento público francês para instrução de surdos.

Iniciou esse trabalho educando duas irmãs gêmeas surdas. Percebeu que elas estabeleceram um código linguístico entre elas, por meio de sinais. Observou essa forma de comunicação e passou a sustentar que esses sinais eram uma fala. Aprendeu os sinais que elas utilizavam e lapidou-os para aproximá-los da língua francesa (REILY, 2004, p.115). Até então, como já vimos, a forma de sinais utilizada na educação dos surdos era o alfabeto manual, ou seja, o método da datilologia, já mencionado no presente trabalho, no qual as palavras são “soletradas” letra a letra com as mãos. A diferença desse autor para os anteriormente citados é que ele considera a língua de sinais como uma língua, própria dos surdos, diferente dos outros autores que se utilizavam do alfabeto manual para que os surdos pudessem adquirir a fala oral (CERVELLINI, 2003, p.32). Ele desenvolveu um sistema de códigos chamado “Sinais metódicos”, no qual cria terminações gramaticais para as palavras na dimensão espacial da língua. Por meio desse método, ensinava os surdos a ler e a escrever (*id*, 2003, p.32).

Outro marco importante na educação de surdos foi o Congresso de Milão, realizado entre 06 e 11 de novembro de 1880, que reuniu 182 pessoas provenientes da Bélgica, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Suécia, Rússia, Estados Unidos e Canadá, visando a discutir sobre a educação dos surdos. Vale ressaltar que, curiosamente, esse Congresso não contava com a presença dos surdos, mas sim com uma minoria ouvinte que decidia sobre eles. Nele, demonstrou-se que os surdos não tinham perda da capacidade de falar. Também se considerou que a expressão através dos sinais podia impedir o desenvolvimento da linguagem oral nas crianças surdas. Com isso, determinou-se que o método oral deveria ser preferido ao gestual. As práticas gestuais foram banidas da educação de surdos. A partir de então, foi adotado o método oralista (*id*, 2003, p.33).

“(…) o meio mais natural e efetivo pelo qual o surdo que fala adquire o conhecimento da linguagem é o método intuitivo, que consiste em expor, primeiro pela fala, e depois pela escrita, os objetos e os fatos que ocorrem diante dos olhos dos alunos” (INTERNATIONAL CONGRESS OF THE EDUCATION OF THE DEAF, apud SOARES, 1999, p.45).

De acordo com Capovilla (2008, p.1481), o método oralista, que atravessou o século XX, trouxe dificuldades para a inserção dos surdos na sociedade, pouca aquisição linguística e baixo rendimento escolar. Ainda de acordo com esse autor, apenas 25 por cento dos surdos que se graduaram na Inglaterra, por volta de 1979, conseguiram articular uma fala inteligível. Do mesmo modo, a leitura labial era também insatisfatória (*idem*, 2008, p.1482).

Na década de 60, Dorothy Schifflet (CARVALHO, 2013), mãe de uma menina surda, introduziu o método chamado hoje de “Comunicação total”, que visa o aprendizado por meio do bilinguismo. Nessa abordagem, são utilizadas as mais variáveis formas de comunicação – língua de sinais, língua oral, datilologia-, com o intuito de banhar o surdo na linguagem. As crianças aprendem a um só tempo a língua de sinais e a língua oral vigente do país (SÁ, 1999). Nessa mesma década, Willian Stokoe, estudioso da língua de sinais, publicou um artigo denominado “Sign language structure: an outline of the visual communication system”, no qual defende a língua de sinais como uma língua com todas as características das línguas orais (GOLDFELD, 2001, p.31). Para esse autor, o desenvolvimento da língua de sinais ocorre na interação social com surdos, e, dessa forma, torna-se mais simbólica (SILVA, 2002, p.46). A partir daí, a língua de sinais passa a ser vista como um instrumento de comunicação da comunidade surda (*id*, 2002, p.46).

Entramos, então, no campo linguístico. A língua de sinais é uma língua natural, tal como versa a linguística?

### *1.3 A surdez segundo a Linguística*

Os linguistas nos dizem que língua é “um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística” (CUNHA, COSTA, MARTELOTTA, 2009, p.16). De acordo com Cunha, Costa e Martelotta, o termo língua também abrange a língua de sinais, utilizada pelos surdos, mesmo que esta se apresente por signos visuais e não vocais. A língua de sinais apresenta as características básicas das línguas naturais, relacionadas à capacidade de linguagem. São elas:

1. Uma técnica articulatória complexa, os movimentos necessários para compor os sons (ou movimentos no caso da língua de sinais) que compõem a fala;

2. uma base física, composta de centros nervosos utilizados para a comunicação verbal; para que haja funcionamento da linguagem é necessário haver uma estrutura biológica que o veicule;
3. uma base cognitiva representada pela capacidade de compreensão da informação recebida por meio da linguagem;
4. uma base sociocultural relacionada à forma como se fala, aos dialetos e gírias regionais, dentro de uma mesma língua;
5. uma base comunicativa referida ao uso de determinadas expressões ou palavras em substituição a outras consideradas mais antigas (*idem*, p. 16 a 20).

Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais mostram que elas são comparáveis às línguas orais em expressividade e complexidade. Ao redor do mundo, encontramos uma variedade extensa de línguas de sinais. Por exemplo, temos a ASL (Língua de Sinais Americana) que apresenta sinais diferentes da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para representar determinada coisa. Outro ponto importante a ressaltar é que as línguas de sinais de cada país não possuem uma relação intrínseca com as línguas orais do mesmo país. A LIBRAS, por exemplo, é derivada da Língua Francesa de Sinais, que, por sua vez, não mantém relação com a origem da língua francesa.

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, visam à comunicação, se inserem na linguagem. Não há uma universalidade nos sinais apresentados, há diversidade em cada língua de sinais. As diversidades também se apresentam em nível regional: em uma mesma língua de sinais aparecem dialetos regionais, bem como gírias utilizadas por determinados grupos sociais. A diferença das línguas de sinais para as línguas orais somente se dá pela modalidade. As línguas orais utilizam o aparelho fonador e auditivo, a boca e o ouvido, para a comunicação, ao passo que as línguas de sinais utilizam as mãos e o olhar como meio de transmissão do conteúdo entre os falantes.

Nas línguas orais, os fonemas, que são os elementos básicos para a formação de uma palavra, diferenciam uma palavra de outra. Se substituirmos as letras, a palavra se modifica. Por exemplo, na palavra *lata* o *l* substituído pelo *b* produz outra palavra, *bata*, de sentido completamente diferente do anterior, mas que pode, pela aproximação sonora, aparecer encadeado à palavra *lata*.



Nas línguas de sinais isso também se faz presente. O que pode diferenciar uma palavra de outra está na configuração e orientação das mãos ao fazer o sinal de determinada palavra. Os elementos básicos da estrutura da língua de sinais são os chamados “classificadores”. Podemos associar sua função à função dos fonemas em língua oral.



Figura 2. Classificadores da Língua Brasileira de Sinais (Parte integrante do material do Curso de LIBRAS On-line-UFF)

Por exemplo, em LIBRAS, podemos verificar a variação quanto à posição das mãos quando se diz cinco (5):



Figura 3. Número cinco (5). Fonte: Dicionário de LIBRAS On-Line.



Todavia, ao se dizer ‘inteligente’, percebemos uma diferença na orientação espacial:

Figura 4. Palavra “Inteligente”. Fonte: Dicionário de LIBRAS On-Line.

Percebe-se que a mão está na mesma posição da palavra cinco, acima, porém a orientação espacial e a movimentação passam a configurar uma palavra diferente, a saber, a palavra inteligente.

Podemos notar que nas línguas de sinais a arbitrariedade do signo<sup>4</sup> também se faz presente, pois não há uma língua de sinais universal, há diversas línguas de sinais, o que mostra que a palavra não mantém relação intrínseca com a coisa que a representa. As possibilidades de surgirem metáforas e metonímias também se apresentam. Vimos, no exemplo acima, que, em LIBRAS, pode haver um deslocamento de uma palavra para a outra não pelo sentido, mas pela sua configuração. LIBRAS é, então, uma língua natural. Ela possui todas as características próprias a uma língua natural. Demonstramos algumas delas.

Dito isto, percebemos a necessidade de considerar o campo da psicologia. Se a língua de sinais é considerada pela linguística como sendo de fato uma língua, poderíamos dizer que ela implica a linguagem e constitui um laço social? Pode uma criança constituir-se psiquicamente por meio da língua de sinais? A inteligência de um surdo se equivale à inteligência de um ouvinte? A partir dessas questões, entramos, então, no campo da psicologia.

<sup>4</sup>O princípio da arbitrariedade do signo é um pressuposto de Ferdinand de Saussure. Neste pressuposto, considera-se que o vínculo que liga o significante (em linguística, o significante está associado à imagem acústica da palavra) ao significado (relacionado ao conceito da palavra) é arbitrário, pois a ideia, o significado da palavra em si não está ligado por nenhuma relação à sequência de sons que lhe serve de significante (CUNHA, COSTA, MARTELOTTA, 2009).

### 1.4 A surdez segundo a Psicologia

Juntamente com as discussões pedagógicas sobre a diferença entre o uso da língua de sinais e o uso da língua oral, surgem, por volta de 1900, estudos sobre a inteligência dos surdos. As escalas de Binet e de Simon (que verificam o Quociente de Inteligência – QI) evidenciam a existência de um atraso na idade mental em crianças surdas sem linguagem oral.

Tomaremos como base de nossa pesquisa os trabalhos de Benoît Virole, psicólogo e psicoterapeuta francês, doutor em Psicopatologia e em Ciências da linguagem. Foi psicólogo do Institut National de Jeunes Sourds, em Paris, de 1984 a 1989. De 1989 até os dias de hoje, trabalha no Hospital Robert Debré, também em Paris, na Clinique Infantile en audiophonologie, implants cochléaires. Esse autor propõe que a referência aos estudos da psicologia em surdos se sustenta em um triângulo de três polos (2006, p.46):



Figura 5. Esquematização da autora a partir da teorização dos três polos linguagem-percepção-pensamento ao estudo da psicologia em surdos (VIROLE, 2006, p.46).

Outros autores que abordam a surdez foram Jean Piaget, um grande pesquisador nas áreas da educação, da pedagogia e da psicologia. Suas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil se pautaram no construtivismo. Lev Vygotsky, por sua vez, foi um pesquisador do desenvolvimento infantil que baseou suas pesquisas no sóciointeracionismo. Para esses autores, o desenvolvimento cognitivo da criança está ligado à aquisição da linguagem.

Vygotsky (2007) defende a utilização da língua de sinais por ela ser mais fácil de aprender, embora sustente que essa linguagem seria mais limitada, uma vez que o surdo ficaria

inserido em um mundo pequeno, ou seja, no mundo somente daqueles que conhecem essa língua. Para ele, não se poderia chegar a ideias abstratas valendo-se dessa língua.

Piaget (*apud* VIROLE, 2006) defende a ideia de que a língua de sinais não chegaria ao estágio operatório formal. Essa concepção é questionada nos dias de hoje mediante experimentos que testam a capacidade intelectual dos surdos.

Ambos os autores caminham pela via do bilinguismo e da comunicação total, pois a língua de sinais é necessária para a aquisição da língua oral. A língua de sinais não exclui a capacidade de desenvolvimento da língua oral, tal como pensavam os primeiros estudiosos da surdez. Pelo contrário, a língua de sinais introduz o surdo em uma “identidade surda”. De acordo com Dias (2006), o bilinguismo possibilita à criança um melhor desenvolvimento cognitivo, afetivo e sociocultural.

Consideramos importante comentar também os trabalhos de Pierre Oléron, psicólogo do Instituto Nacional dos Jovens Surdos de Paris, uma vez que ele põe em questão as relações do pensamento concreto e abstrato, a partir das ideias de Piaget. Utilizando-se da psicometria, ele compara uma série de testes cognitivos de crianças surdas e de crianças ouvintes da mesma idade. Para ele, os surdos teriam dificuldades para aceder ao pensamento formal, concordando, assim, com Piaget. Os dois pontos essenciais de sua teoria são:

1. A função da linguagem no desenvolvimento do pensamento. A linguagem seria menos primordial do que se admite, no desenvolvimento do pensamento. Esse autor considera haver um atraso na maturidade do pensamento operatório e lógico nas crianças surdas. Sustenta também a língua gestual como uma organização não linguística que não poderia estruturar o pensamento.
2. A influência dos gestos sobre o pensamento dos surdos. Ele faz uma análise dos gestos dos surdos, mas não os considera uma língua de sinais. Para ele, o significante na língua de “gestos” está associado ao significado que representa. Nesse sentido, para ele, os gestos não são considerados uma língua.

O sucessor de Olerón, nas pesquisas no campo da surdez, foi Hans G. Furth, psicólogo clínico, americano, pesquisador do desenvolvimento infantil. Publicou o livro *Thinking Without Language: Psychological Implications of Deafness*, em 1966, no qual apresenta questões sobre a surdez e o desenvolvimento infantil. Este autor revisa os experimentos de Oléron e considera não haver diferenças significativas entre surdos e ouvintes, em relação ao pensamento formal e

abstrato. Considera os símbolos desenvolvidos na fala pelas crianças surdas como constituintes do pensamento.

Não existe disfunção cognitiva de base nos surdos. Na pesquisa de Oléron, os resultados inferiores obtidos no caso dos surdos se baseiam na “deficiência de comunicação”. Para esse autor, a diferença de nível linguístico das crianças surdas em relação às ouvintes se verifica na diferença relativa ao meio externo em que as crianças vivem. Furth foi o pioneiro em defender a comunicação total e ir contra o movimento oralista.

Considerando que a língua de sinais, em conjunto com a língua oral vigente do país, possibilita a inserção da criança no meio social, linguístico e psicológico, passemos ao nosso campo, a saber: o da psicanálise. Podemos pensar em uma particularidade na constituição de um sujeito do inconsciente e do significante, no que concerne àqueles que são surdos?

### *1.5 A surdez no Brasil*

Neste tópico, abordaremos um histórico da educação de surdos no Brasil. De acordo com Rocha (2008, p.27), em julho de 1855, E. Huet propõe ao imperador D. Pedro II a criação de um estabelecimento para educação de surdos no Brasil.

E. Huet era surdo, francês, utilizava-se da língua de sinais e da escrita como método de alfabetização. Para ele, a leitura labial e a fala oral eram secundárias (OLIVEIRA, 2012, p. 55). A proposta desse professor incluía a possibilidade de a instituição conceder bolsas de estudos aos alunos que não pudessem pagar por seus estudos, além de haver alunos cujas famílias podiam custeá-los.

Dessa forma, em 26 de setembro de 1857 fundou-se o “Imperial Instituto de Surdos-Mudos” no Rio de Janeiro. (OLIVEIRA, 2012, p.55). Nesse Instituto, estudava-se Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia e História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada e doutrina Cristã (ROCHA, 2008, p.30).

Em 1861, Huet decide sair da instituição por motivos pessoais. Ele deixa o Instituto e passa a receber uma pensão anual por ser seu fundador. Algumas pesquisas indicam que, depois de sair do Instituto, Huet foi para o México, onde fundou uma escola nos mesmos moldes da brasileira (ROCHA, 2008, p.30).

Em 1911, após o Congresso de Milão, seguindo as influências do oralismo, o Brasil também passa a adotar tal método. Dessa forma, passa-se a utilizar a leitura labial e a articulação da fala como principal método de ensino. Assim como o Imperial Instituto no Rio de Janeiro, surgiram, nesta mesma época, no Brasil, outras escolas de surdos, tais como: o Instituto Santa Terezinha, para meninas, em São Paulo, a Escola Concórdia, em Porto Alegre, a escola de surdos de Vitória e o Centro de Audição e Linguagem Ludovico Pavoni, em Brasília. Todas elas utilizavam-se da oralização como método de ensino (OLIVEIRA, 2012, p.55).

De acordo com Goldfeld (2002, p.32), apesar da exigência do oralismo puro, a língua de sinais sobreviveu nas salas de aula até 1957, no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, assim chamado de 1956a 1957, quando passou a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), assim permanecendo até os dias de hoje. No ano de 1957, a diretora, Ana Rímola de Faria Dória, proibiu a língua de sinais oficialmente na escola (GOLDFELD, 2002, p.32) (OLIVEIRA, 2012, p. 56).

Esse percurso se modificou com a vinda para o Brasil de Ivete Vasconcelos, educadora de surdos da Universidade de Gallaudet. Ela introduziu o método (já comentado anteriormente) de Comunicação Total (OLIVEIRA, 2012, p.56). Na década de 80, introduziu-se o bilinguismo no país com a aprendizagem da língua de sinais, como primeira língua, e do português, como segunda.

A partir do final da década de 70, iniciou-se o movimento social que dá os contornos atuais na área da surdez. Em 1977, fundou-se, no Brasil, a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos), associação de surdos que promove mais visibilidade à causa, tanto de forma social como jurídica. Em 1983 houve a Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, por meio da qual os surdos ganharam espaço nas decisões educacionais e políticas da área. Em 1987, houve uma reestruturação a partir da qual a direção da FENEIDA passou a ser assumida pelos surdos. Nesse mesmo ano, ocorreu uma mudança no nome da associação, que passou a chamar-se FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos).

Em 1989, com a criação da Política Nacional para a integração da pessoa com deficiência, os surdos foram incluídos nessa política pública. A partir daí, criaram-se inúmeras leis para a inclusão do surdo. Todavia, apenas em 2002 houve uma grande mudança nesse processo: em 24 de abril de 2002, foi aprovada a lei 10.436 conhecida como “A Lei de

LIBRAS”, por meio da qual o governo federal reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como um meio legal de expressão e comunicação.

## 2.

### **A constituição do sujeito: um recorte teórico**

De acordo com Luciano Elia (2004, p.10), sujeito, em psicanálise, é um conceito elaborado por Lacan não no sentido de um construto teórico, mas de uma posição lógica sobre a qual o psicanalista opera. Segundo Lacan, o sujeito emerge entre um significante e outro. O sujeito que trabalhamos não é o sujeito epistemológico, nem o indivíduo, nem a pessoa que vem ao tratamento, por exemplo. Em psicanálise, falar de sujeito é falar das formações do inconsciente, dos atos falhos, dos chistes, dos sonhos. Sujeito, em psicanálise, não é o indivíduo que fala. Trata-se de uma posição lógica que se relaciona com o desejo e com o inconsciente. Muitas vezes, essa posição atravessa o falante, nos atos falhos e chistes, por exemplo, quando o sujeito fala sem se dar conta do que diz.

Mas esse sujeito não está dado desde o nascimento. O sujeito é uma construção, a partir da linguagem. Então, o que é a constituição do sujeito? Para tratar dessa questão, parece-nos importante marcar a posição desse sujeito, no que diz respeito ao desejo do Outro. “Sabemos muito bem [...] na análise a importância que tem para um sujeito [...] a maneira como foi desejado” (LACAN, 1975/1988, p.124).

O filhote humano é sempre prematuro. Ao nascer, diferentemente dos filhotes de alguns animais, ele precisa de cuidados, precisa de alguém junto dele. Esses cuidados são exercidos, na maioria das vezes, por uma pessoa que faz a intermediação do bebê com o mundo. Essa pessoa o introduz no campo da linguagem, fala com o bebê, nomeia para ele, a cada dia, seu lugar no mundo. Esse alguém que cuida do bebê encarna uma função lógica: o desejo do Outro. Freud fala desse momento inicial da constituição do sujeito, a partir da experiência de satisfação.

#### *2.1 A experiência de satisfação*

Em o “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1992a), Freud afirma que a experiência de satisfação está ligada ao desamparo do ser humano (LAPLANCHE, 2004, p.133). De acordo com Garcia-Roza (2005, p.54), “A experiência de satisfação, a partir da qual



podemos entender os afetos e os estados de desejo, está ligada à concepção freudiana de um estado de desamparo original do ser humano” (*ibid.*).

De acordo com Freud, o desamparo funda a posição do Outro, é fonte dos motivos morais. O Outro, como alteridade, se instaura devido a esse desamparo primordial. Nessa experiência, há uma tensão interna que necessita ser descarregada e que o bebê não sabe nomear. O Outro, encarnado na figura daquele que alimenta e cuida do bebê, permite que a tensão interna seja descarregada e nomeada. Uma ajuda alheia, que vem de fora e cessa o desconforto, opera na eliminação da tensão interior.

Aqui, um cancelamento de estímulo somente é possível mediante uma intervenção que elimine por um tempo no interior do corpo o desprendimento (desligamento) de Qn [quantidade de excitação], e essa intervenção exige uma alteração do mundo exterior (provisão de alimento, aproximação do objeto sexual) que, como **ação específica** (grifo nosso) somente pode se produzir por caminhos definidos (FREUD, 1895/1992a, p. 362).

Assim, nesse processo, há uma ação específica: uma resposta de um outro, alheio ao bebê, que responde ao seu grito. Temos, então, alguns vetores lógicos inseridos na ação específica: o grito do bebê, que, com Poizat (1996, p.191), podemos chamar de “grito puro”; a resposta de um ser “alheio” a esse grito, que instaura um terceiro tempo no qual o grito já entra na dimensão da demanda, “grito para”. Segundo Poizat (1996, p.191), há uma diferença do “grito puro” para o “grito para”. No “grito puro”, há um desconforto e o bebê grita como resposta ao que não sabe nomear. No “grito para”, já há uma demanda, um grito direcionado a alguém. “Não é mais simples expressão vocal, mas demanda para obter o retorno do objeto (...), ele [o grito] é, de agora em diante, elevado ao grau de significante”.

O grito puro não se direciona a ninguém. A princípio, o grito em si mesmo é uma resposta ao desconforto que o bebê sente, é uma forma de descarregar esse desconforto. Mas, ao chorar, um outro vem responder a esse grito, dando ao bebê o alimento, por exemplo. Nesse momento, há a cessação do desconforto não pelo choro em si, mas pela ajuda alheia que surgiu a partir do grito. Dessa forma, o bebê passa a associar o grito à chegada do alimento e à resposta do Outro. O grito toma, então, outro estatuto. A partir da repetição desse movimento, grito-resposta do Outro, o grito deixa de ser pura descarga para se tornar um chamado direcionado, um grito “para”. O grito passa a se apresentar como signo – representa a sua fome, parte dele, *infans*<sup>5</sup>, para a mãe. Nasce, assim, a relação do *infans* com o Outro.

---

<sup>5</sup>*Infans*, termo latino, é utilizado por Lacan para falar desse sujeito em constituição, e pode ser traduzido como aquele que não fala. Lacan o utiliza para fazer referência àquele que não fala, embora esteja inserido na linguagem.

A ação específica enlaça três processos:

1. o desconforto, da ordem do inominável para o bebê;
2. o grito do bebê, que vem de seu próprio corpo e
3. a resposta do “auxílio alheio”, do Outro, ao desconforto.

Poderíamos fazer uma associação entre esses três processos e os três registros propostos por Lacan real, simbólico e imaginário? Podemos pensar que o desconforto é da ordem do real; o grito dá forma e consistência ao apelo no plano do imaginário; já a resposta insere a criança na cadeia simbólica das trocas discursivas. Parece que a ação específica é um termo utilizado por Freud para tratar desses três processos a um só tempo. Há desconforto, entendido como energia a ser descarregada, há também o grito e a cessação do desconforto. É a ação – provisão do alimento, aproximação do objeto sexual – que instaura as outras duas posições: aquele que grita e o Outro que responde ao grito inserindo o grito no laço social discursivo.

A partir dessa instauração da demanda ao Outro, não podemos separar mais o grito da resposta dada pelo Outro. O nome freudiano desse processo é ação específica. Ação, verbo, implica um sujeito e um objeto gramatical. O grito e a resposta do Outro acompanhada da descarga que faz cessar o desconforto se instauram, de um só golpe, através do verbo.

De acordo com Lacan (1959-60/1997, p.56), há um sistema por trás da ação específica. Ela corresponde ao objeto rechaçado. A ação grito-resposta do Outro é repetida, pois a resposta do Outro nunca é completa. Esse é o princípio da repetição, em Freud. Algo falta à ação específica. “A essa *spezifische Aktion* faltará sempre alguma coisa”. A repetição instaura a demanda. A demanda, na repetição, em suas voltas, instaura o furo central do desejo.

## 2.2 Demanda e desejo

É importante marcarmos, aqui, a diferença entre demanda e desejo, porque ambos se articulam na constituição do sujeito. A demanda insere o *infans* na linguagem e possibilita a circunscrição do desejo. Desejo leva em conta o Outro, tem a ver com a posição do sujeito, de ordem inconsciente.

No seminário 5, “As formações do inconsciente” (1957-58), Lacan apresenta a demanda e o desejo. Na lição de 4 de dezembro de 1957, pergunta o que é a demanda e responde: “é aquilo que a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro” (LACAN, 1957-58/1999, p.91.). A demanda se instaura a partir da necessidade. Essa necessidade, a fome, por exemplo, é perdida com a entrada na linguagem e a instauração do Outro.

Precisamos, então, definir, aqui, o Outro como discurso inconsciente, alheio à consciência. Lacan (1963-64/1998, p.53) diz que “o inconsciente é o discurso do Outro”, como aponta Bruce Fink (1998). Heloisa Caldas (2007) destaca que Lacan concebe o Outro como preexistente à entrada do sujeito na linguagem. Dizer que o inconsciente é o discurso do Outro é dizer que há um saber não acessível, como o umbigo do sonho, em Freud, que somente aparece na fala por meio de fragmentos dessa “Outra cena”. O Outro também instaura um lugar que marca a possibilidade de uma resposta subjetiva, constituindo, assim, o campo de enigmas do sujeito (LACAN, 2005). O Outro é o lugar onde isso fala sem saber o que diz. Doris Rinaldi (2004, p.276) esclarece dizendo: “Ao supormos que o inconsciente é o lugar do sujeito onde o isso fala, nos aproximamos desse ponto onde alguma coisa, à revelia do sujeito, é remanejada pela retroação significante, implicados na fala”.

A demanda instaura uma dialética entre o sujeito e o Outro. É um movimento entre um que demanda e Outro que responde a essa demanda, mas não completamente. A partir dessa resposta parcial do Outro, um novo movimento se instaura: uma nova demanda endereçada ao Outro com uma resposta somente parcial. Dessa forma, percebe-se que a demanda não se satisfaz. “A demanda exige, por natureza, para se sustentar como demanda, que haja uma oposição a ela” (LACAN, 1957-58/1999, p.92). E a satisfação da demanda retorna como impossível por haver o desejo implicado nesse movimento.

O desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações (*ibid.*, p.96).

Lacan (1961-62/2003) trabalha todo esse movimento da demanda articulada ao desejo no centro das voltas que compõem a superfície topológica do toro. O formato do toro se assemelha a um pneu ou a uma boia. Lacan define o toro como uma organização do furo. “O toro, superfície sem margem, delimita um interior e um exterior com a particularidade de apresentar um centro “exterior” (LACAN *apud* GRANON-LAFONT, 1990, p.47).

A superfície do toro implica um furo central exterior a ele. Pensemos na boia. O furo, no centro da boia, sustenta a sua forma. Se este furo fosse preenchido, sua superfície teria o formato de uma esfera achatada. A superfície da boia se desenha pelas voltas ao redor do furo central – que Lacan designa como o furo do desejo. As voltas que desenharam essa superfície são as voltas da demanda.

Esse percurso também deixa aparecer um aspecto fundamental do desconhecimento do desejo que resume a importância do furo central: a demanda, no que se repete, desenha o objeto como faltoso. Este último, assim descrito, indica que ele é sempre fracassado, de um fracasso, portanto, estrutural, ligado ao percurso da demanda e necessário à sua repetição. (*ibid.*, p.47)

Podemos associar a demanda à ação específica. É necessário haver um Outro que responda ao grito do bebê interpretando-o e transformando-o em uma demanda. Trata-se de alguém que possa funcionar como Outro para a criança introduzindo-a no campo da linguagem pela via da interpretação de seu grito. O campo da linguagem é o campo do Outro e da alteridade.

Em Freud, o aparelho psíquico é um aparelho de linguagem, que se divide em camadas e sofre retranscrições de tempos em tempos. Existem pelo menos três transcrições no aparelho psíquico: o signo de percepção, primeiro registro da ordem da memória no aparelho psíquico; o inconsciente, onde se localizam os traços mnêmicos e os registros vindos dos restos de coisas vistas e ouvidas que passam pela percepção; e a consciência, na qual parte do material registrado se localiza no pré-consciente, tem-se acesso a ele pela via das representações-palavras.

Signo de percepção, traços mnêmicos e representações-palavras são os nomes que apontam para a linguagem, em Freud. Quanto ao signo de percepção, podemos associá-lo às formulações de Lacan(1961-62/2003) sobre o signo: o signo “representa algo para alguém”. Segundo ele, “esse alguém está lá como suporte do signo”. Considera esse tempo como a forma mais elementar da subjetividade. Há um tempo do signo e um segundo tempo do significante. Com Freud, dizemos que a primeira inscrição no aparelho psíquico é da ordem do signo, signo de percepção. A partir desse tempo do signo, os traços podem vir a se inscrever. Há um tempo no qual é necessário haver alguém como suporte do signo, alguém que faça um bebê entrar na linguagem. No tempo do significante, isso já não é mais necessário. O sujeito advém entre um significante e outro.

Dito isto, sustentamos que a ação grito/resposta do Outro insere o bebê na linguagem, pois “o grito do bebê faz signo para o Outro materno” (CATÃO, 2009, p.55). O grito adquire,

assim, um estatuto de linguagem uma vez que, a partir dele, o bebê faz signo para o Outro. “O grito inaugura a função simbólica na criança e é também o momento em que se inicia a divisão do sujeito, uma vez que este emite o som e recebe a notícia de seu próprio grito, desde que esse sujeito se escute no grito que proferiu” (CATÃO, 2009, p. 56). A demanda em direção ao Outro passa a vigorar sustentada pela posição de quem cuida do bebê. Há o Outro que deseja que este bebê seja. Não importa o que ele venha a ser, mas, sim, o ato de ser. Esse desejo insere o bebê no discurso, articulando o corpo do *infans* à linguagem e sustentando uma posição na constituição do sujeito. Nesse momento, o *infans* está na posição de objeto do desejo do Outro.

O desejo do Outro instaura o *infans* na posição de objeto – ele é desejado pelo Outro. Nesse plano, ainda não há um sujeito, mas já há sua condição original, a saber: a de assujeitamento.

O importante para nós, é que vemos aqui o nível em que – antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador (LACAN, 1963-64/1998, p.26).

Palavras, coisas ditas pela mãe, ao alimentar e cuidar do bebê, retornam junto com a cessação do desconforto e são registradas pelo bebê. São restos de palavras, coisas ouvidas, sons que se associam à experiência de satisfação. Há um registro desse processo. Algo do desejo passa ao *infans* por meio dos significantes. As modulações, o tom de voz, a escansão entre uma palavra e outra são mais importantes do que o conteúdo da fala. O desejo aparece e sustenta o assujeitamento ao Outro, no que concerne à posição de objeto do desejo e da demanda do Outro.

Em “A Interpretação dos sonhos (1900)”, Freud ressalta que “um componente essencial dessa experiência de satisfação é a aparição de uma certa percepção (a nutrição, em nosso exemplo), cuja imagem mnêmica resta, doravante, associada a um traço que deixou na memória a excitação produzida pela necessidade” (FREUD, 1900/1992b, p.557 e 558). O aparelho psíquico se funda na experiência de satisfação. Dessa experiência, restam inscrições, traços, reinvestidos de forma alucinatória pelo *infans*, a partir de então. Assim, o grito se entrelaça aos significantes que retornam para ele como desejo do Outro. Daí em diante, o *infans* não mais grita como resposta ao desconforto. Seu grito é dirigido ao Outro do qual recebe sua própria mensagem invertida – fome, sede, sono, seja lá o que for –, um nome para o que não tinha nenhum tipo de representação. É nesse sentido que o grito faz signo e uma representação passa a operar. O grito representa o desconforto do bebê para o Outro.

O sujeito humano está, portanto, na visada freudiana, indelevelmente marcado pela relação com o outro e, por isso, ele afirma que o desamparo inicial é a ‘fonte primordial de todos os motivos morais’. É o registro da alteridade que se institui simultaneamente ao da formação subjetiva; alteridade, essa, contudo, que não se restringe à presença do outro semelhante, mas indica algo mais radical – que esta presença encobre/desvela – o que Freud explica ao analisar o ‘complexo do próximo’ (RINALDI, 1996, P.47).

### 2.3 Complexo do próximo

Ainda trabalhando na constituição do sujeito, faz-se necessário adentrar no que Freud chama de *Nebenmensch* [semelhante/próximo], em o “Projeto para uma psicologia científica” (1950[1895]), pois percebemos que é com a mediação do próximo que o *infans* se insere na linguagem. O próximo é um outro que encarna a alteridade para o bebê. Lacan marca a importância desse termo em seu seminário “Aética da psicanálise” (1959-60), ao associá-lo à experiência de satisfação, que depende desse outro, semelhante, *Nebenmensch*, que se apresenta como sujeito falante, interferindo na subjetividade do sujeito (LACAN, 1959-60/1997, p.53.). Vale ressaltar que, por estar numa situação de desamparo, o bebê necessita do próximo não somente para os cuidados físicos, mas também de um outro que possa fazer suporte ao Outro da linguagem. Disso decorre a importância do outro, como um sujeito falante, vindo, assim, interferir na subjetividade do sujeito. É através do *Nebenmensch* que o sujeito apreende a realidade.

*Nebenmensch* se associa à primeira apreensão da realidade pelo sujeito. Tal apreensão é possível através do inconsciente, que afasta e diferencia mundo exterior e mundo interior. Essa operação acontece somente com a mediação do próximo. “É aqui que intervém essa realidade que tem relação com o sujeito da maneira mais íntima – o *Nebenmensch*” (LACAN, 1959-60/1997, p.68.)

O próximo pode ocupar o lugar de um objeto que aparece na percepção. Como objeto, ele é a um só tempo objeto-satisfação, pois possibilita a descarga do desconforto, e também objeto hostil. É sobre o *Nebenmensch* que se funda o discernimento (FREUD, 1895/1992a.).

Os complexos de percepção que partem deste próximo serão em parte novos e incomparáveis – por exemplo seus traços no âmbito visual -; entretanto, outras percepções visuais – por exemplo, o movimento das mãos – coincidirão dentro do sujeito com impressões visuais próprias, semelhantes, de seu próprio corpo, com as que se encontram em associação com as recordações de movimentos por ele mesmo vivenciados. Outras percepções do objeto, além disso, - por exemplo se grita – despertarão a recordação do próprio gritar e, com isso, de vivências próprias de dor (FREUD, 1895/1992a, p.376 e 377).

A percepção, associada à experiência no próprio corpo, poderá deixar uma inscrição. Freud dá como exemplo o movimento das mãos, associado ao movimento do próprio corpo que, ao ser visto, torna a experiência possível de retornar. Isso imprime traços de memória do campo visual, que retornam quando o próprio sujeito age. A experiência que se tem no próprio corpo já é um retorno. A ação do grito faz com que o bebê acesse o seu próprio grito e o grito de um outro. Na inscrição no aparelho psíquico, sujeito e objeto não são distintos. Há uma conjugação entre *infans* e Outro. O que é vivido aparece como assujeitado ao Outro e, por isso, as marcas se registram sem sujeito ou objeto. Há a ação de gritar. Ainda não há uma diferenciação. A experiência do próprio corpo se entrelaça com o corpo do Outro.

Freud, então, desenha um esboço do aparelho de memória no complexo do próximo. Uma experiência vivida na interação do sujeito com um objeto exterior a ele – próximo – possibilita uma inscrição. Essa inscrição retorna como mensagem numa segunda repetição: o traço recordado é acessado e, com ele, surge a lembrança da experiência anterior – grito associado à dor, para seguir o exemplo de Freud.

É por haver essa inscrição dupla – o gritar, que implica sujeito e objeto, ainda que indiferenciados nesse momento – que podemos dividir o complexo do próximo em dois componentes, um dos quais se impõe por uma reunião constante e outro que varia, que se associa à experiência no corpo.

Assim, o complexo do próximo se separa em dois componentes, um dos quais impõe uma marca constante, se mantém reunido como uma coisa do mundo, enquanto que o outro é compreendido por um trabalho mnêmico, ou seja, pode ser reconduzido a uma notícia do corpo próprio. A esta decomposição de um complexo perceptivo se chama seu discernimento; ela contém um juízo e encontra seu fim quando por último alcança a meta (id, 1895/1992a, p.377.).

A parte constante, imutável desse processo, que se associa ao *complexo-sujeito*, é a *Coisa (Ding)*, intimamente semelhante ao núcleo do eu e as variáveis, os *predicados*. Freud utiliza essa separação entre *complexo-sujeito* e predicados por duas vezes em seu texto: “o neurônio *a* será nomeado a coisa do mundo (*Ding*) e o neurônio *b* sua atividade ou propriedade – em suma seu *predicado* (grifo nosso)” (id, 1895/1992a, p.373). E, mais adiante: “no princípio (o julgar) não tem nenhum fim prático e parece que ao julgar se descarrega o investimento do ingrediente diferente, pois assim se explicaria porque as atividades *predicados* (grifo nosso) se separam do complexo-sujeito por uma via mais frouxa” (id, 1895/1992a, p.377). Associamos essa posição de Freud sobre a *Coisa* constante, do lado do *complexo-sujeito* e diferente dos predicados, com a posição dos estoicos sobre os corpos e os estados de coisa em sua filosofia. A lógica da proposição em Freud se aproxima da lógica da proposição estoica.

O sujeito se mantém constante e se associa aos predicados variáveis. Assim, para melhor entender essa lógica tão inaugural do aparelho psíquico, antes de adentrar propriamente no conceito de *Coisa*, achamos interessante um pequeno desvio para esclarecer sobre dois aspectos trabalhados pelo estoicismo: o incorpóreo e o *lektón* [exprimível].

#### 2.4 Sobre os estoicos

Recorreremos à autora Émile Bréhier (1948) para embasar nossa pesquisa sobre os estoicos, bem como às pontuações de Deleuze, em “Logicas del Sentido” (1969), que também aborda o estoicismo antigo.

O estoicismo nasce no período helenístico, entre a morte de Alexandre o Grande, em 323 a.C., e a agregação da península e das ilhas gregas, por Roma, em 146 a.C., no século IV a.C. Este foi o século de Euclides (pai da Geometria), de Arquimedes (fundador da hidrostática e da estática, lei do empuxo) e de Apolônio (geômetra), o século das matemáticas e da astronomia.

Na linha do tempo, os estoicos são posteriores a Eráclito, Platão e Aristóteles, e em nada se parecem com a filosofia que os precede. Devolveram à filosofia a preocupação com o conhecimento racional e rompem com o espírito platônico. Trata-se de um racionalismo baseado em um raciocínio que encerra questões. Essa doutrina visa a eliminar o irracional e a crer que a razão pura atua na natureza e na conduta. O racionalismo dos estoicos se baseava em um método dialético, que permitiu ultrapassar os dados do sentido e alcançar essências inteligíveis. Para os estoicos, a razão adquire plenitude nas coisas sensíveis (Bréhier, 1948).

A filosofia estoicista abarca três polos: a lógica, a física e a ética. Esses polos são tomados em um mesmo bloco, como uma só coisa. Para esses pensadores, é impossível pensar esses três domínios sem articulá-los entre si: a dialética (lógica) encadeia as proposições consequentes da razão (ética) que unem todas as causas na natureza (física).

O conhecimento parte da representação que é a impressão feita por um objeto na alma, análoga à impressão de um selo sobre a cera (BRÉRIER, 1948, p.08). O conhecimento advém da realidade sensível, da percepção das coisas.

De acordo com Deleuze, os estoicos distinguiram dois tipos de coisas: os corpos e os estados de coisas. Os estados de coisas são determinados pelas mesclas entre os corpos. O tempo do ato é o tempo presente, os corpos existem no espaço e no tempo presente. Não se fala em causa e efeito, pois todos os corpos são causas, em relação uns aos outros. Os efeitos que



eles causam são os incorporais. São os atributos lógicos e dialéticos, são acontecimentos. “Não se pode dizer que existem, senão que subsistem ou insistem” (DELEUZE, 1969, p.11). São os verbos, os resultados das ações, são infinitivos.

“Quando o escalpelo corta a carne, o primeiro corpo produz sobre o segundo não uma propriedade nova, mas um novo atributo, o de ser cortado, expressado sempre por um verbo, o que quer dizer que não é um ser, mas uma maneira de ser” (*id.*, 1969, p.11 e 12.).

O incorpóreo é o resultado, um efeito no corpo. Há uma dualidade, corpo – acontecimento incorporal ou estado de coisas – efeitos. Deleuze dirá que os estoicos descobriram os efeitos de superfície. O mais oculto se torna o mais manifesto. O acontecimento não é nem um nem outro, mas seu resultado comum (cortar– ser cortado).

A dialética é precisamente esta ciência dos acontecimentos incorporais tais como se expressam nas proposições e dos vínculos de acontecimentos tais como se expressam nas relações entre proposições. A dialética é, sem dúvida, a arte da conjugação (*id.*, 1969, p. 14.).

O estoicismo localizou o sentido no conceito de *lektón* [exprimível] (LOPES, 2003, p.203). Deleuze considera que linguagem e superfície estão relacionadas (*ibid.*). Se pensarmos com Freud, o aparelho psíquico é um aparelho de linguagem que marca e inscreve as bordas na superfície do corpo. A linguagem atinge a significação quando está na superfície.

Quanto às coisas sensíveis, existe “o que pode ser dito, o que pode se expressar pela linguagem, em uma palavra, o exprimível (*lektón*)” (BRÈRIER, 1948). A alma se representa, naquele momento, através da representação da coisa. Essa proposta se assemelha bastante com a de Lacan, ao definir o significante como o que representa um sujeito para um outro significante. Com essa definição, Lacan retira do sujeito qualquer traço que lhe imputasse uma essência. Da mesma forma, a dialética não se aplica à coisa, mas aos enunciados verdadeiros ou falsos relativos às coisas. O juízo analisado pela dialética é composto de um sujeito (na frase) e de um atributo (verbo e complemento). “O atributo é por si só, uma expressão incompleta que demanda um sujeito” (*ibid.*). A dialética aplica-se na base do verdadeiro ou falso das proposições. A lógica estoica ignora a compreensão dos conceitos e considera os fatos enunciados dos sujeitos. Segundo ela, as proposições verdadeiras são aquelas que podem ser demonstradas. Para os estoicos, há cinco classes de juízos compostos:

1. Hipotético: se amanheceu, é dia.
2. Conjuntivo: já amanheceu, já é dia.
3. Disjuntivo: ou é de dia ou é de noite.
4. Causal: porque amanheceu, é dia.

5. Aumentativo ou diminutivo: é mais de dia (ou menos) do que de noite.

O interesse dessa dialética é a união entre um antecedente e um conseqüente. Esse modo de raciocínio, considerando a dialética dos fatos cuja proposta se exprime por “se um fato é, então o outro é”, situa, pela sua demonstração, uma espécie de signo. Se tomarmos como exemplo a proposição “se tem uma cicatriz é porque foi ferido”, entendemos que é no signo que se apresenta a união de dois enunciados logicamente idênticos. Então, signo, no estoicismo, se relaciona ao encadeamento de enunciados. Os conteúdos dos juízos são desnecessários, o signo une dois enunciados, presentes na “inteligência”, como logicamente idênticos. O valor está na lógica, que une os fatos pelo enunciado na linguagem. Os atributos ou juízos nos predicados são incorpóreos, são efeitos nos corpos.

Em Freud, assim como nos estoicos, há um ponto imutável e outro variável que se fundam sobre o ato – o verbo. A ação é o que funda o movimento e as posições lógicas. Por exemplo, para os estoicos, é o “cortar – ser cortado” e, para Freud, no que diz respeito às pulsões, o “ver – ser visto”.

Podemos pensar que o que funda o sujeito e o objeto é a ação, a posição constante – a *Coisa* freudiana – se associa ao corpo proposto pelos estoicos. Algo permanece constante, possibilitando que os predicados (estados de coisas) possam se apresentar. Nesse processo, funda-se o juízo. Os atributos, os predicados são ditados pelos registros já traçados, pelos traços de memória. Resta um ponto imutável e constante na raiz do sujeito: a *Coisa*. Pensamos que esse ponto enigmático e vazio funda a possibilidade de articulação significante, de predicação.

## 2.5 *Das Ding*

Retomando a *Coisa* freudiana, Lacan trabalha muito sobre *das Ding* no seminário “Aética da psicanálise” (1950-60). Primeiramente, ele faz uma diferenciação entre *das Ding* e *Sache*, que também pode ser traduzido por coisa. *Ding* é o termo utilizado por Freud em o “Projeto para uma psicologia científica”, diferente do termo utilizado no texto “O Inconsciente” (1915), no qual ele fala de *representação-coisa* (*Sachvorstellung*) e *representação-palavra* (*Wortvorstellung*). Lacan assinala uma sutileza que diferencia esses dois termos em alemão designativos de coisa: “a *Sache* é justamente a coisa, produto da indústria ou da ação humana

enquanto governada pela linguagem” (LACAN, 1959-60/1997, p.61). Logo, *Sache* e *Wort* [palavra] fazem um par, ao passo que *das Ding* se encontra em outro lugar (*ibid.*).

*Das Ding* é o verdadeiro segredo do sujeito, nunca desvendado, em torno do qual a articulação significante faz contorno. O princípio de realidade opera como fracassado, em relação às necessidades da vida (*die Not des Lebens*), também traduzido por Lacan como “alguma coisa que quer”. O *Not*, segundo ele, é o estado de urgência da vida (*ibid.*). Esse estado de urgência mostra que não se trata da realidade do mundo exterior, da realidade vivida, mas de como o sujeito é tomado na realidade. O princípio de realidade isola o sujeito da realidade. A realidade que se forma com a fundação de *das Ding* é psíquica.

A questão de saber se a escolha é feita de tal ou tal maneira no campo apto a provocar percepções visuais, auditivas ou outras, não é abordada de outro modo. Só que temos aqui, da mesma forma, a noção de uma profunda subjetivação do mundo exterior – alguma coisa tria, criva de tal maneira que a realidade só é entrevista pelo homem, pelo menos no estado natural, espontâneo, de uma forma profundamente escolhida. O homem lida com peças escolhidas da realidade (*Id*, 1959-60/1997, p.63).

Freud trata da realidade psíquica desde a “A interpretação dos Sonhos” (1900), quando diferencia o princípio de realidade do princípio de prazer, cujo processo se inicia com a distinção entre processo primário e processo secundário.

Os processos primário e secundário são processos do funcionamento psíquico. Devemos pensar em um aparelho psíquico primitivo no qual o trabalho seria a regulação da excitação, a fim de evitar o desprazer.

Nessa organização, o processo primário se relaciona com a diminuição da excitação, considerada como prazer. Desse modo, o desprazer é o acúmulo de excitação. O desejo é o que põe o aparelho em movimento. É por haver desejo que todo esse processo pode se efetuar. Pensamos, em termos lacanianos, em desejo como desejo do Outro, que possibilita o processo primário e permite que algo dessa experiência se inscreva. Essa inscrição se relaciona com o processo secundário.

O processo secundário já implica um traço, um registro no aparelho psíquico. A partir desse segundo sistema, parte da energia gasta para efetuar a descarga de excitação é retida. O investimento de energia é ligado a uma lembrança e não mais somente escoado.

Esse processo ocorre na experiência de satisfação. Conforme já dito anteriormente, há uma diferença entre o choro do bebê como resposta ao desconforto e o choro para a mãe, o que já implica o Outro. O primeiro choro se associa ao processo primário, choro como forma de

descarga do desconforto, sem implicar em lembranças, em traços. O segundo tipo de choro, por sua vez, aponta para o Outro, já é considerado um registro no aparelho psíquico, implica o processo secundário. O núcleo do ser e o desejo inconsciente se fundam com o advento do processo secundário.

Os processos primários estão dados desde o começo, enquanto que os secundários somente se constituem pouco a pouco no curso da vida, inibem os primários, se sobrepõem a eles e talvez unicamente na plena maturação submetê-los a seu total império. A consequência desse advento tardio dos processos secundários, o núcleo de nosso ser, que consiste em moções de desejos inconscientes, permanece inapreensível e não se inibe para o pré-consciente, cujo papel ficou limitado, de uma vez por todas a sinais das moções de desejo que provêm do inconsciente nos caminhos mais adequados a esse fim (FREUD, 1900/1992b, p.592 e 583).

Trata-se da fundação da realidade psíquica por meio das peças escolhidas da realidade com as quais se passa a lidar constituindo, assim, a escrita de uma constituição de sujeito. A realidade se constitui para o ser humano mediante a sua instauração como sujeito e seu respectivo objeto. Esse movimento somente é possível a partir desse lugar vazio, constante: a *Coisa*.

A *Coisa* retorna como impossível de ser assimilada pelo eu. O reconhecimento do objeto jamais é total, pois o objeto da satisfação está perdido. Os posteriores encontros com os objetos, na realidade, são reencontros. O objeto fundador, a *Coisa*, está para sempre perdido e permanece como tal (RINALDI, 1996, p.48). É em torno desse objeto perdido que se estrutura a fantasia fundamental do sujeito colocando-o em posição de alienação e separação, no que concerne ao objeto. Como Caldas ressalta, “o objeto, seja ele qual for, entra em jogo em função de um lugar vazio, escavado por esse encontro original com *das Ding*” (CALDAS, 2007, p.32). O encontro com a *Coisa*, um encontro com o real, deixa uma marca, um traço. Há um intervalo entre o que se encontrou e o que restou. O que resta é o objeto. O reconhecimento, função fundante do aparelho psíquico, localiza-se nesse intervalo. “Essa função, que é o juízo, não apenas inaugura o reconhecimento, como também instala uma disjunção entre o objeto e a *Coisa*” (*ibid.*).

De acordo com Rudge, a *Coisa* nada tem a ver com o objeto, mesmo que muitas vezes esteja próxima a ele. A *Coisa* designa um resíduo desse corte que instaura sujeito e objeto. “O que Freud designa *Coisa* é um resíduo que se subtrai à atividade judicativa. Está, portanto, fora do campo das representações e é condição de toda representação” (LACAN, 1963-64/1998, p.54).

Freud, no texto “A interpretação das afasias” (1979, p.70), apresenta o objeto como um “complexo associativo das diversas representações visuais, acústicas, cinestésicas, etc.”, diferente da *Coisa*. “Encontramos a relevância do acontecimento resultante do encontro entre o real e a linguagem, que, vivido como algo traumático, produz o corpo, sendo perfeitamente cabível localizar aí as primeiras preocupações freudianas em torno da experiência corporal da linguagem” (CALDAS, 2007, p.33).

A *Coisa* é resto e causa dos processos dos juízos primário e secundário. É fundante da simbolização e, ao mesmo tempo, comporta algo expulso pelo sujeito em uma exterioridade que possibilita sua constituição como sujeito. “O sujeito, na sua relação com a realidade, vai ao encontro do objeto que é, desde sempre, perdido; vai à procura daquilo que é impossível de ser achado – *das Ding*” (VIDAL, 2004, p.12).

A *Coisa* é, portanto, em sua natureza, o estranho, (*Fremde*). O caráter estranho da *Coisa* reside no fato de esta ser um primeiro exterior, pelo qual o encaminhamento do sujeito se orienta. Nesse sentido, se pensarmos na constituição do sujeito, a *Coisa* funda o furo central exterior, furo do desejo, que permite a instauração da demanda, tal como vemos na superfície topológica do toro.

Na experiência de satisfação, a *Coisa* é um resíduo e causa que permanece entre sujeito e objeto, funda a ação judicativa, a linguagem, e instaura o corpo. Os traços mnêmicos marcam o corpo a partir do furo escavado pela *Coisa*. Se a *Coisa* causa a operação que instaura corpo e objeto, possibilitando as inscrições de linguagem no corpo, precisamos pensar na força dessa causa que encontraremos considerando o campo das pulsões, entre o psíquico e o somático, como o enlace entre corpo e linguagem.

## Capítulo 3

### A pulsão invocante e o objeto voz

A voz não decorre exclusivamente do registro sonoro, podendo-se expressar no campo escópico. De fato, isso implica que a voz depende menos de uma boca do que de um corpo. (VIVÈS, 2012, p.15).

Neste capítulo, abordaremos o objeto voz. Será necessário, no entanto, fazermos um percurso sobre os outros objetos. A voz é um objeto que cai da operação significante e possibilita a assunção de um sujeito. Esse objeto carrega uma particularidade em relação aos demais objetos. A voz é o suporte corporal do enunciado (*id*, 2012, p.13).

A voz e o olhar foram os objetos introduzidos por Lacan na série freudiana: seio, fezes, falo. Seguiremos o percurso freudiano que possibilitou, a Lacan, a formulação do conceito de objeto *a*: tomaremos o objeto da pulsão e os objetos parciais nos textos freudianos, a partir da circunscrição lacaniana.

Como vimos anteriormente, a linguagem é o que instaura um sujeito e, desse modo possibilita que haja um corpo. Corpo, aqui, diferente do corpo biológico, dado desde o nascimento. O sujeito não é dado desde o início. É um processo que se dá através da linguagem. O que faz um sujeito se constituir é o Outro.

Como esse processo acontece? Não sem um corpo. É preciso um corpo biológico que faça suporte à linguagem. O que inscreve a linguagem no corpo é a pulsão. O encontro com o Outro faz algo do corpo se inscrever. Lacan, no seminário “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, enlaça corpo, inconsciente e pulsão, sustentando que o corpo se estrutura topologicamente da mesma maneira que o inconsciente, articulado às marcas do campo do Outro, do significante. “É no que algo no aparelho do corpo é estruturado da mesma maneira [que o inconsciente], é em razão da unidade topológica das hiências em jogo, que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente” (LACAN, 1963-64/1998, p.172.). Nesse sentido, o campo das pulsões é o campo da constituição do sujeito.

Tomaremos o texto “Pulsões e destinos das pulsões”. Nele, Freud divide as pulsões em dois grupos: pulsões de auto conservação, egóicas, e pulsões sexuais. Sabemos que no texto “Mais além do princípio de prazer”, Freud utilizará essas duas posições como comportando as

pulsões de vida. Posteriormente, ele diferenciara pulsões de vida e pulsão de morte. Mas essa distinção ainda não havia sido elaborada por Freud em 1915.

A distinção de pulsões egóicas e pulsões sexuais não parece estar clara no texto. Mesmo havendo essa separação, parece que já nesse escrito Freud inclui as pulsões de auto conservação no campo das pulsões sexuais. Consideramos, portanto, que se trata das pulsões de vida.

Freud separa e diferencia estímulo de pulsão. Estímulo é uma força de choque momentânea, que, ao cessar a fonte do estímulo, essa força de choque se acaba. Diferentemente da pulsão que é uma força constante, provém de dentro<sup>6</sup> e, por isso, não há como cessar. Nesse sentido, o estímulo pulsional é chamado por Freud de “necessidade” (*Bedürfnis*) e o que cancela a necessidade da pulsão é a satisfação (*Befriedigung*) (FREUD, 1915/1992c, p.114).

Vamos aos termos no alemão. O termo que caracteriza a exigência pulsional, *Bedürfnis*, na versão das obras completas de Freud em espanhol, da Amorrortu Editores, foi traduzido como necessidade e também como demanda, desejo, vontade de, anseio<sup>7</sup> e ainda como falta (Dicionários Acadêmicos. Alemão-Português/Português-Alemão. Lisboa: Porto Editora, 1976). Então, a necessidade da pulsão é diferente do que marca Lacan como necessidade da vida (*Not des Lebens*). A necessidade da pulsão é da ordem da demanda. Necessidade que se articula pela falta. Implica um Outro para satisfazê-la. “Pois se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão” (LACAN, 1963-64/1998, p.159).

A necessidade da pulsão se difere da necessidade da fome ou sede. A necessidade da pulsão é uma força constante, e, por essa razão, a impossibilidade de satisfação já se apresenta a partir daí (Id, 1963-64/1998, p.156).

“Imaginemos um ser vivo quase por completo desamparado, não orientado no mundo, que captura estímulos em sua substância nervosa. Este ser, tão logo se acha em condições de estabelecer uma primeira distinção e de adquirir uma primeira orientação. Por uma parte, registra estímulos que se podem subtrair mediante uma ação muscular (fuga), e isso se atribui a um mundo exterior; mas, por outra parte, registra outros estímulos frente aos quais uma ação assim se torna inútil, pois conservam seu caráter de esforço (*Drang*) constante; estes estímulos são a marca de um mundo interior, o testemunho das necessidades pulsionais (*Triebbedürfnisse*). A substância perceptiva do ser vivo terá adquirido, assim, em sua eficácia muscular, um apoio para separar um ‘fora’ de um ‘dentro’”. (FREUD, 1915/1992c, p.115).

<sup>6</sup> Abordaremos mais detidamente essa referência ao “dentro” e “fora”, formulada por Freud, mais adiante no texto.

<sup>7</sup> De acordo com o Dicionário Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 15/02/2012.

Há dois tipos de registros. O registro que se atribui ao mundo exterior, da ordem do estímulo, e o registro da ordem do pulsional, interno. O campo da linguagem, inscrito em um corpo, faz esse corte interno-externo. Somente pela linguagem é possível fazer essa borda. A partir das necessidades/demandas pulsionais (*Triebbedürfnisse*) é possível a inscrição de uma separação do dentro e do fora, do mundo interior e do mundo exterior. Passa a operar o princípio de realidade, que separa um interior que clama por satisfação e um exterior que possui os objetos que podem satisfazer essa exigência pulsional.

Se considerarmos que as pulsões operam a partir da instauração da linguagem, a exigência pulsional é o que possibilita certa construção. Pensamos em desenvolvimento, no sentido de uma origem e das inscrições que posteriormente se fazem ao longo desse ponto de origem. Desenvolvimento, aqui, é pensado como algo que implica em retroação. Só podemos falar de um ponto primeiro a partir da instauração de um segundo ponto posterior. Nesse sentido, desenvolvimento é uma formulação lógica e não cronológica.

A partir de um ponto de origem, traço, inscrição da ordem da linguagem, a pulsão se coloca e instaura pontos posteriores, traços que apontam para o “atual nível do desenvolvimento”. Por ser como um motor, ligado e constante, a pulsão possibilita que diversos objetos possam ocupar o lugar da sua satisfação. Mesmo que haja alguma satisfação, o motor continua ligado, pedindo mais e mais. “Essa satisfação é paradoxal. Quando olhamos de perto para ela, apercebemo-nos de que entra em jogo algo de novo – a categoria do impossível” (LACAN, 1963-64/1998, p.158).

### *3.1 Movimento pulsional: três tempos da pulsão*

Ainda nesse texto de 1915, Freud apresenta a pulsão dividida em três tempos. Tal definição se constrói a partir dos pares olhar ser-olhado e sadismo-masoquismo.

Quanto aos destinos das pulsões, Freud pontua quatro destinos possíveis:

- 1-a mudança em seu contrário;
- 2-a volta sobre a própria pessoa;
- 3-o recalque;



#### 4-a sublimação.

A sublimação e o recalque não serão trabalhados no presente texto. Aterremo-nos, então, aos dois primeiros destinos das pulsões. Quanto ao primeiro, há dois processos diferentes: 1. A volta da pulsão da atividade à passividade; 2. A mudança em relação ao conteúdo. Todavia, ambos os destinos apresentados convergem ou coincidem em alguns pontos.

A “volta da atividade para a passividade” comporta os pares de opostos sadismo-masiquismo e prazer de ver-exibição. A meta ativa, martirizar, olhar, é trocada pela passiva, ser martirizado, ser olhado. Já na “mudança de conteúdo”, há uma troca do amor pelo ódio.

Na “volta para a própria pessoa”, há a mudança pela via do objeto. Masiquismo e sadismo se conjugam pela via do objeto – ser batido (no próprio corpo) -, assim como o voyeurismo e o exibicionismo – ser olhado (ou olhar o próprio corpo). “O essencial neste processo é então a mudança pela via do objeto, mantendo-se inalterada a meta” (FREUD, 1915/1992c, p.122).

Vamos ao movimento pulsional. A diferenciação dos três tempos se apresenta a partir de cada movimento. Tomemos o par sadismo-masiquismo, cujo movimento é dividido em três tempos.

1. O sadismo como ação violenta dirigida a um outro, a um objeto. Então, “eu bato”.
2. O objeto é substituído pela própria pessoa, e há a mudança da meta ativa para a meta passiva na pulsão. Da voz ativa para a reflexiva: de “eu bato” para “bate-se”.
3. Busca-se uma pessoa alheia que toma o lugar do sujeito, caso do masiquismo: “Eu sou batido”.

Esse uso verbal feito por Freud para ilustrar o movimento pulsional é marcado por Lacan como um invólucro. “O que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura” (1963-64/1998, p.168).

No texto “Bate-se em uma criança. Contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919), Freud diz que não se pode, de início, decidir se o prazer associado à fantasia de espancamento se caracteriza como sádico ou como masiquista. É do movimento pulsional que se trata.

Também o olhar é trabalhado por Freud. Pode-se distinguir as mesmas etapas anteriores no par olhar e ser olhado. No olhar-ser olhado há a inclusão do Outro.

a) “O ver como atividade dirigida a um objeto alheio”. Neste tempo da pulsão, a percepção e o signo de percepção não se diferenciam. Este tempo é caracterizado pelo chamamento do Outro e pela resposta do bebê a esse chamado. Nesse momento, o que é da ordem de uma melodia da voz, a prosódia, já é percebida pelo bebê, mesmo que ainda não se possa dizer que há um significante (CATÃO, 2005, p.126). Segundo Didier-Weill (*apud* CATÃO, 2005, p.123):

“Este primeiro tempo corresponde ao impulso inicial advindo do enxerto originário pelo qual o som, o sentido e o corpo formam um *continuum*, posto em movimento pela causalidade externa que é o som musical que encontrou – quando não há forclusão, um destinatário especializando-se em ser um ouvinte do som”.

b) A resignação do objeto, a volta da pulsão de ver para uma parte do próprio corpo implicando portanto, a mudança para a passividade e o estabelecimento da nova meta: ser olhado. Este segundo tempo, na voz reflexiva, é classicamente referido como autoerótico (Catão, 2005, p.123). Porém, como a mesma autora observa, só podemos falar de autoerotismo quando há o fechamento do circuito pulsional, visto que sem a pulsão ainda não se constitui um corpo. E o circuito pulsional se fecha com o terceiro tempo.

c) “A inserção de um *novo* (grifo nosso) sujeito, ao que se mostra ao fim ser olhado por ele” (FREUD, 1915/1992c, p.125). O que é novo nesse processo é ver aparecer um sujeito. Esse sujeito é o Outro. É como objeto para o Outro que o sujeito aparece. É nesse assujeitamento que há a aparição de um novo sujeito. “O sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro”<sup>8</sup>.

A atividade da pulsão está neste “se fazer”: se fazer ver, na pulsão escópica, se fazer ouvir, na pulsão invocante, se fazer chupar, na pulsão oral, se fazer cagar, na pulsão anal. O "se fazer" possibilita a circunscrição do objeto. Esse “se fazer” objeto para um Outro realiza o contorno gramatical do objeto perdido. “É apenas com o fechamento do terceiro tempo do circuito pulsional – tempo de fazer-se ao Outro – que se consolida a operação do recalque originário e a fundação do inconsciente” (CATÃO, 2009, p.124).

---

<sup>8</sup>LACAN, 1963-64/1998, p.178.

Freud apresenta o esquema da pulsão de ver e, nele, mostra que se trata do movimento pulsional quando abordamos os pares olhar-ser olhado, atividade-passividade, sadismo-masochismo. Parece que, aqui, não podemos fazer uma marcação temporal. Se o olhar viria antes ou depois do ser olhado, por exemplo. O movimento se inscreve de um só golpe e, como movimento, não podemos determinar se há uma anterioridade temporal do olhar ao ser olhado. Quando Freud diz que “olhar seu próprio membro sexual” equivale ao “membro sexual ser olhado pela própria pessoa”, ou por uma pessoa alheia, no deslocamento, é do movimento que se trata. Mas devemos marcar a anterioridade no Outro. É preciso um Outro que olha para que o movimento olhar-ser olhado se inscreva.

Há a necessidade de um Outro que faz com que esse movimento retorne. O sujeito se insere primeiramente como objeto para o Outro – é do objeto que se trata nesse movimento. A constituição do sujeito já está ali. “O sujeito é um aparelho. Esse aparelho é algo lacunar, e é na lacuna que o sujeito instaura a função de um certo objeto, enquanto perdido. É o estatuto do objeto *a* enquanto presente na pulsão” (LACAN, 1963-64/1998, p.175).

### 3.2 Sobre o objeto da pulsão – *Drang, Ziel, Objekt e Quelle*

A pulsão nos aparece como um conceito fronteiro entre o psíquico e o somático, como um representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho, que é imposta ao psíquico como a consequência de sua união com o corporal (FREUD, 1915/1992c, p.117)

A pulsão exige trabalho e isso implica um representante, traço marcado no corpo, força constante. A pulsão surge como fronteira – a linguagem incidindo sobre o corpo. Todo esse processo é dividido por Freud em quatro termos que se conectam com o conceito de pulsão: impulso (*Drang*), meta (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*). Lacan observa que essa enumeração, que lemos e achamos natural, não é tão natural assim. Temos de trabalhá-los de forma separada, pois a pulsão é uma montagem (LACAN, 1963-64/1998, p.160). “A pulsão é essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente” (*Id*, 1963-64/1998, p.167). Vamos aos termos. Propomos abordar os termos freudianos associando-os às formulações de Lacan, em seu seminário “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964), no qual ele apresenta o circuito pulsional:

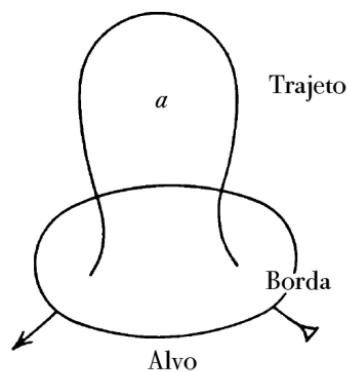


Figura 6. O circuito pulsional (Lacan, 1963-64/1998, p.167).

Impulso ou esforço [*Drang*] é o fator motor da pulsão. No grafo, ele se localiza na flecha que contorna o objeto *a* e atravessa a borda. Impulso [*Drang*] se associa à exigência de trabalho imposta pela pulsão. “Esse caráter do esforço é uma propriedade universal das pulsões e ainda sua essência mesma” (FREUD, 1915/1992c, p.117). Impulso [*Drang*] é uma pura tendência à descarga (1963-64/1998, p.169). Relaciona-se à excitação interna que necessita ser descarregada. É o motor, abarca a insistência em descarga e a constância. Nesse sentido, impulsiona todo o movimento pulsional.

Fonte [*Quelle*] é a parte do processo relacionada ao processo somático, no corpo, ao estímulo corporal ao qual a pulsão se associa. Freud faz menção às forças mecânicas, químicas do corpo que funcionam como fontes pulsionais. A fonte associa as bordas do corpo às zonas erógenas, à demanda pulsional imposta pela linguagem. No grafo, a fonte está relacionada com a “borda”. A fonte da pulsão somente é acessível através das metas. “O conhecimento mais preciso das fontes pulsionais de modo algum é imprescindível para os fins de investigação psicológica. Muitas vezes pode inferir-se retrospectivamente com certeza das fontes da pulsão a partir de suas metas” (FREUD, 1915/1992c, p.119).

A meta (ou alvo, como propõe Lacan) [*Ziel*] se relaciona com uma satisfação que só pode ser alcançada cancelando a fonte pulsional. Considerando a pulsão como uma força constante, podemos dizer que ela atinge a satisfação sem atingir seu alvo (LACAN, 1963-64/1998, p.169). “O alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (*id*, 1963-64/1998, p.170). Lacan se utiliza de dois termos em inglês para situar o alvo: *aim* e *goal*. Afirma que *aim*

se relaciona com o trajeto, “o objetivo da pulsão é cumprir seu próprio trajeto” (RIBEIRO, 1997, p.55), e *goal* com a meta, o tiro que acerta o alvo. Essa meta, esse alvo é invariável para toda pulsão, mas é possível haver metas intermediárias que se combinam entre si. “Cabe supor também que tais processos se associam a uma satisfação parcial” (FREUD, 1915/1992c, p.118).

Objeto [*Objekt*] é o meio pelo qual se alcança a meta. É a parte mais variável da pulsão (FREUD, 1915/1992c), visto não haver um objeto que a satisfaça. Isso se desloca metonimicamente. Pode ser um objeto alheio ou partes do próprio corpo. Esse objeto, na verdade, é a “presença de um cavo, de um vazio” (LACAN, 1963-64/1998, p.170), ocupável por um objeto qualquer, ao qual Lacan nomeia de objeto *a*. Esse objeto revela a satisfação impossível escrita no circuito pulsional. Nenhum objeto satisfaz a pulsão, só se pode contornar esse cavo, esse vazio impossível de satisfazer.

O objeto é variável, pois a pulsão o apreende, mas não é por aí que passa a satisfação. A satisfação já é dada como perdida. “A pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz” (LACAN, 1963-64/1998, p.158). A pulsão contorna o objeto *a*. Os outros objetos que ocupam o lugar de satisfazê-la, apontam para esta única possibilidade da pulsão: passar em torno do objeto *a*, que movimenta, de modo constante, a causa de desejo.

Freud fala também de uma fixação da pulsão a um objeto. Esta se relaciona a tempos muito precoces do desenvolvimento pulsional. “Um laço particularmente íntimo da pulsão com o objeto se mostra como fixação dela. Somente se consuma em períodos muito precoces do desenvolvimento pulsional e põe fim à mobilidade da pulsão, contrariando com intensidade seu desprendimento” (*id*, 1915/1992c, p.118). Podemos associar esses pontos de fixação aos objetos propostos por Freud, a saber: seio, fezes e falo, e também aos propostos por Lacan, ou seja, olhar e voz. Trabalharemos mais detidamente cada um deles.

### 3.3 Sobre o amor e a pulsão

Conforme afirma Coutinho Jorge (*apud* CATÃO, 2005, p.122), há uma diferença fundamental entre o amor e a pulsão. No amor vigora o imaginário enlaçado ao simbólico. O campo do amor é sustentado pelo signo, o que representa alguma coisa para alguém. Já no campo pulsional vigora o registro do real enlaçado ao simbólico. A pulsão entra na ordem

significante, que representa um sujeito para outro significante. Neste ponto, pensamos ser necessário abordar o amor. A fim de sustentar essa posição, recorreremos ao texto “Introdução ao narcisismo” (1914) visando tentar entender essa amarração.

Em “Introdução ao Narcisismo” (1914/1992d), Freud afirma haver uma libido voltada para o eu, considerado por ela como se fosse um objeto externo, sexual. A partir dessa posição, apresenta três fases do eu: o autoerotismo, o narcisismo primário e o narcisismo secundário.

No autoerotismo não há um deslocamento de libido em direção a nenhum objeto, pois ainda não há eleição de objeto. No narcisismo primário, fundante para o sujeito, a dimensão de eu ideal já se faz presente. Essa formação do ideal é parte do eu e condição do recalque. Sobre esse eu ideal recai o amor de si mesmo, remontado aos tempos da infância, sem renunciar à satisfação uma vez gozada por ele. Já no narcisismo secundário, a dimensão de eu ideal é sobreposta pelo Ideal-do-eu, que projeta diante de si um substituto do narcisismo perdido na infância e que, um dia, foi seu ideal. O ideal-do-eu parte da influência crítica dos pais.

O amor é uma das vias para falarmos do narcisismo. Há dois tipos de amor: o amor anaclítico e o amor narcísico. O amor de tipo anaclítico implica um investimento objetal fora do próprio corpo, ou seja, implica o Outro. Nessa via, ama-se “a mulher que nutre” e o “homem protetor” (FREUD, 1914/1992d, p.87). Ele segue a via do Ideal-do-Eu. O amor narcísico é da ordem de um eu ideal, a libido volta-se para o próprio eu. Ama-se “o que se é (a si mesmo); o que se foi; o que se quer ser; a pessoa que foi parte de si mesmo” (*id.*, 1914/1992d, p.87). O narcisismo se constitui pela via do amor. Passa-se do amar a si mesmo para o amar ou se fazer amado pelo Outro.

No movimento pulsional “mudança em seu contrário”, Freud inclui o amor como única possibilidade de se inscrever tal movimento. O amor é necessário, pois é o que dá consistência ao objeto reencontrado no registro do simbólico (CATÃO, 2009, p.119). Nesse movimento, o amar é suscetível de três oposições: amar-odiar, amar-ser amado e amar e odiar-indiferença. O amar-ser amado é também um retorno sobre o próprio eu e é considerado implícito no movimento amar a si mesmo, ou seja, é narcísico.

A vida anímica é marcada por três polaridades: 1. Sujeito (eu) –objeto (mundo exterior), que se apresenta muito precocemente para o indivíduo mediante a percepção da diferença entre estímulo exterior, que se pode esgotar, e as pulsões, força constante; 2. prazer-desprazer, cuja importância está referida à vontade do indivíduo; 3. ativo-passivo, que não

podemos confundir com o eu-sujeito e fora-objeto (FREUD, 1914/1992d). Quanto à atividade-passividade, podemos dizer que o eu se comporta a um só tempo de maneira passiva, frente aos estímulos exteriores, e ativa em relação às suas próprias pulsões.

No narcisismo, na fase do autoerotismo, os três pares de opostos se fusionam. O eu encontra prazer em si mesmo, o mundo exterior é indiferente (amor e ódio-indiferença) e o amor se endereça apenas a si mesmo. A realidade passa a operar no deslocamento do sentimento de prazer para um objeto exterior ao eu, possibilitando ao sujeito conservar o prazer e expelir o desprazer. Aqui, a oposição amor-ódio entra em jogo.

Em todo esse movimento, podemos dizer que o amor se relaciona ao vínculo do eu com o objeto e se fixa nos objetos sexuais. O amor está referido ao autoerotismo, é, de início, narcisista, passando depois para os outros objetos e se enlaça com as pulsões sexuais. De acordo com Catão (2005, p.123): “é pelo amor que a referência objetal simbólica, instável e contingencial, se transforma em algo da ordem do necessário”.

É importante associarmos as etapas do amor propostas por Freud à organização dos objetos pulsionais. A primeira delas associa o amar ao incorporar ou devorar. Nela, o objeto não é visto como separado. Assim se introduz o campo das pulsões orais. A segunda etapa se relaciona com a organização sádico-anal. Aqui, se busca alcançar o objeto por meio do apoderamento, adentrando no campo do objeto anal, fezes.

Nesse percurso, faz-se necessário associar o amor à pulsão. Esses objetos parciais são expostos de forma mais extensa no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1992e), no qual Freud apresenta os vários objetos da libido associados às fases oral, anal, fálica e genital.

### *3.4 As pulsões e sua relação com o corpo*

#### *3.4.1 Os objetos oral e anal*

Freud, em “Pulsões e destinos das pulsões” (1919/1992), alude à parcialidade da pulsão trabalhada por ele no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1992e).

Consideramos importante delimitar dois pontos: 1. - as pulsões parciais e 2. -as “fases” do desenvolvimento pré-genital, a partir do texto freudiano. Essa parcialidade e as ditas fases do desenvolvimento pré-genital - oral e sádico-anal - assim como o falo, foram trabalhados posteriormente por Lacan ao abordar o objeto *a* em seus diversos contornos.

Vamos ao primeiro ponto: as pulsões parciais. Freud introduz as pulsões parciais juntamente com sua explicação acerca das zonas erógenas. Os órgãos do corpo trazem excitações de duas classes. Uma delas, especificamente sexual associada ao órgão afetado, é a zona erógena.

A sexualidade só se realiza através da operação das pulsões parciais (LACAN, 1963-64/1998, p.167). A parcialidade pulsional é em relação à finalidade biológica da sexualidade. A zona erógena é a parcialidade do corpo, se delimita pela linguagem. “A integração da sexualidade à dialética do desejo passa pelo jogo daquilo que, no corpo, merecerá que designemos com o termo de aparelho [...] o corpo pode aparelhar-se, a se distinguir daquilo com que os corpos se podem emparelhar” (*id*, 1963-64/1998, p.168). O corpo se constitui por meio do aparelho psíquico, dotado de significantes.

Freud nomeia como zona erógena o olho, a boca, o ânus e a pele. A zona erógena se associa à satisfação perdida. Quando Freud dá o exemplo da zona da boca, diz que houve uma satisfação primeira, perdida, anterior à inscrição do autoerotismo. “É claro, além disso, que a ação da criança que chupa se rege pela busca de um prazer – já vivenciado e agora recordado” (FREUD, 1905/1992e, p.164). O que necessita ser perdido, de início, é a Coisa.

A zona erógena marca um corte em relação à necessidade. O prazer se torna independente da necessidade a partir da linguagem, da circunscrição da borda do corpo. “A tarefa sexual se escora primeiro em uma das funções que servem à conservação da vida e somente mais tarde se torna independente dela” (FREUD, 1905/1992e, p. 165).

Segundo Lacan (1963-64/1998, p.160), as zonas erógenas só são reconhecidas na estrutura de borda. Por isso, quanto à pulsão oral, falamos de boca e não de estômago, esôfago, que também participam da função oral. A boca, o ânus, o olho e o ouvido são bordas do corpo e, como tais, separam e comportam, a um só tempo, o dentro e o fora. Fazem fronteira entre o interno e o externo. É também por meio dessas bordas que o que vem do campo do Outro se inscreve.



Conforme já dito, a zona erógena se associa à *Quelle*, à fonte da pulsão (LACAN, 1963-64/1998, p.169). Na pulsão não se atinge o alvo, ela apenas contorna o cavo, o vazio central, o objeto *a*.

Retornemos aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1992e). Nesse texto, Freud pontua duas fases do desenvolvimento chamadas de pré-genitais. Elas implicam a boca e o ânus. O pré-genital se relaciona com as organizações da vida sexual, quando as zonas genitais ainda não alcançaram seu papel (FREUD, 1905/1992e). Lembremos que no texto “Pulsões e destinos das pulsões” (1919/1992), Freud fala de pontos de fixação da pulsão ao objeto. Nesse sentido, falamos de objetos pré-genitais nos quais, mediante a linguagem, escreve-se uma borda corporal. São eles: o seio, as fezes, o olhar e a voz, estes dois últimos introduzidos por Lacan.

Nesse texto, a primeira organização pré-genital proposta por Freud é a oral ou canibal<sup>9</sup>. Nessa organização, o objeto da necessidade se assemelha ao objeto da satisfação pulsional parcial – o seio. A boca é a zona erógena e o seio é o objeto. O objeto vem do Outro e a demanda é ao Outro – o bebê é quem chora para que o Outro o alimente. Quanto ao seio, Lacan (1963-64/1998, p.184) diz que se esforça para separá-lo da metáfora do alimento. Esse objeto é algo chapado que chupa o organismo da mãe. Relaciona-se ao que está separado do sujeito e que lhe pertence, o completa.

A segunda organização é a sádico-anal. O objeto é as fezes. Aqui, entra em jogo outro movimento, há uma atividade, a criança apodera-se das fezes. No controle dos esfíncteres, a criança pode ou não oferecer as fezes ao Outro. Houve uma modificação no movimento. Com o objeto seio, a demanda é da criança, direcionada ao Outro; quanto ao objeto fezes, o Outro é quem demanda à criança o excremento.

Freud (1905/1992e, p.181) pontua que só podemos ter acesso a essas fases a partir do presente, da análise da neurose. “A hipótese das organizações pré-genitais se apoia na análise das neuroses; dificilmente se pode apreciar se não for em relação ao conhecimento delas”. Isso é importante. É no retorno que se pode acessar o que é dessas “fases”. É a partir de um sujeito, com sua divisão e seu objeto já constituídos, que se pode ter acesso ao que é da ordem do “pré-genital”.

---

<sup>9</sup> Sustentamos que a primeira organização de objeto é a voz e não o seio.

### 3.4.2 O falo como objeto

Quanto à fase fálica do desenvolvimento infantil, Freud somente a cita nesse texto, ele irá desenvolvê-la melhor a partir de 1923 em “Organização genital infantil. Uma interpolação na teoria da sexualidade” (1923/1992f) e “Dissolução do complexo de Édipo” (1924/1992g). Em 1923, nessa fase da organização genital infantil, Freud aponta para a primazia do falo. “Não há uma primazia genital, mas uma primazia do falo” (FREUD, 1923/1992f, p.146). Aqui, já entra em jogo a castração, as teorias sexuais infantis e o complexo de Édipo.

O falo é um objeto privilegiado, pois, a partir de sua amarração, pode-se definir a estrutura do sujeito. A referência ao falo amarra a constituição do sujeito e orienta os diferentes destinos estruturais diante de sua falta, ou seja, a castração: o recalçamento na neurose, a forclusão na psicose e a denegação na perversão, o que podemos entender melhor a partir dos esclarecimentos de Lacan em seu retorno a Freud (1957-58/1999).

No texto “Significação do falo”, Lacan aponta o falo em sua função de nó: “Sabemos que o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó” (LACAN, 1958/1998, p. 632). Consideramos o falo como ponto de encruzilhada, de onde convergem e divergem real, simbólico e imaginário (RABINOVICH, 2005, p.9). Essa função de nó aparece na estruturação dos sintomas e na escolha da posição sexuada, escolha referente à posição homem ou mulher e à escolha de objeto. O falo instaura no sujeito uma posição subjetiva, inconsciente. O falo regula, dá a proporção, a razão pela qual o sujeito pode se posicionar em suas identificações, escolher o seu lado na partilha sexual e se posicionar frente ao outro parceiro sexual.

O falo é da ordem do significante, “ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado” (LACAN, 1958/1998, p.697). O falo é o objeto organizador da cadeia significante. Os demais objetos se instauram em fragmentos, marcam o corpo por meio dos fragmentos da linguagem, dos restos de coisas vistas e ouvidas. O falo é um organizador que opera no momento do complexo de Édipo e da castração, instaurando-se como um nome que funda a cadeia significante. Nesse sentido, o falo é o que possibilita a separação sujeito/objeto e a assunção de uma posição de sujeito.

### 3.4.3 Pulsão escópica e o objeto olhar

Para introduzirmos o olhar e a pulsão escópica, devemos retornar ao texto freudiano. Freud não elevou o olhar ao estatuto de objeto parcial, tal como faz com o seio, as fezes e o falo, mas utilizou o olhar para demarcar o movimento pulsional. Nesse sentido, podemos, juntamente com Lacan, ler, em Freud, o olhar como uma forma de objeto. Como aponta Inês Catão (2009, p.15): “não existe uma fase escópica”.

Lacan (1963-64/1998 p.74) afirma que a pulsão escópica se manifesta na esquizo entre o olho e o olhar. Olho e olhar não são a mesma coisa. Há uma disjunção entre a função psíquica do olhar e a visão como órgão da percepção (CATÃO, 2009, p.145). O olhar se relaciona com o campo pulsional. Lacan assinala, inclusive, que o cego pode demarcar o campo do olhar, mesmo sem ver. (*id*, p.8). O campo do olhar se apresenta antes mesmo da instauração da visão. O olhar é trabalhado por Lacan ao longo de toda a sua obra. Inicialmente, trata do olhar no estádio do espelho, no qual é necessário um outro que faça suporte à alteridade, é de onde parte o olhar fundante do narcisismo do bebê. No olhar desse outro, o bebê se vê. “O que o bebê encontra aí é não a visão mas o olhar da mãe e o que ele vê é ele mesmo” (CATÃO, 2009, p.141).

No seminário “A angústia”, Lacan introduz o olhar em seu estatuto de objeto *a*. “O fato de o olho ser um espelho já implica, de certo modo, sua estrutura” (LACAN, 1963/2005, p.263). O órgão da visão, o olho, já demonstra em sua estrutura física a função que vem desempenhar como objeto: um espelho.

Retomemos Freud. Conforme já trabalhado, Freud se utiliza do par olhar – ser olhado para demonstrar o movimento pulsional. Diferente do par sadismo-masochismo, atividade-passividade, nesse par, vê-se aparecer um “novo” sujeito, a dimensão de alteridade aparece. Essa organização gramatical, lógica, formulada por Freud, aponta para a aparição do sujeito que ainda não está ali. “O objeto aqui é o olhar - olhar que é o sujeito, que o atinge, que faz mosca no tiro ao alvo” (*id*, 1963-64/1998, p. 172). O olhar é aquilo que não se pode ver. A pulsão escópica se realiza somente em um retorno que passa pelo Outro. É necessário o olhar do Outro, sustentado por um outro, para que haja a configuração do olhar. A pulsão remete-se ao se fazer ver.

De fato, a articulação do fecho do vaivém da pulsão se obtém muito bem com só mudar no último enunciado um dos termos de Freud. Eu não mudo *eigenes Objekt*, o objeto propriamente dito que é mesmo de fato ao que se reduz o sujeito, eu não mudo *von fremder Person*, o outro, é claro, nem *beschaut*, mas ponho no lugar de *werden, machen* - o de que se trata na pulsão é de se fazer ver. A atividade da pulsão se concentra nesse se fazer e é reportando-o ao campo dado outras pulsões que poderemos talvez ter alguma luz. (*id*, 1963-64/1998, p.184).

A partir do par olhar-ser olhado, podemos delimitar um momento anterior em que se inscreve a pulsão de ver. Esse ponto anterior é o autoerotismo, que se relaciona com a constituição do sujeito. É o primeiro estágio do narcisismo no qual a satisfação vem do próprio corpo. Só é possível falar do autoerotismo nesse retorno, a partir da pulsão de ver.

No texto “Introdução do Narcisismo” (1914/1992d), Freud nos diz que as pulsões autoeróticas são as mais primordiais. O autoerotismo funda o narcisismo. O autoerotismo aparece num movimento de retorno. Só podemos falar de autoerotismo por haver uma inscrição significativa no corpo, que faz com que essa satisfação autoerótica mítica apareça. Nesse movimento se inscreve a satisfação da pulsão como impossível de se satisfazer. Há inúmeras possibilidades de circunscrição pulsional no corpo.

Prosseguiremos com a novidade trazida por Lacan: a pulsão invocante e seu objeto, a VOZ.

#### 3.4.4 A pulsão invocante e objeto voz

A pulsão invocante é um termo somente citado por Lacan em sua obra e pouco desenvolvido. Tomaremos como base da conceituação desse conceito os trabalhos de Jean Michel Vivès sobre a pulsão invocante, assim como sua teorização do “ponto surdo”.

De acordo com esse autor, invocante vem do latim *Invocare*, significa apelo, chamamento. Podemos delimitar o circuito da pulsão invocante, a partir do movimento descrito por Freud, como:

1. Ser chamado;
2. Fazer-se chamar e
3. Chamar.

Só se pode falar em chamar se houve um Outro, lugar onde se institui o “ser chamado”.

Esse autor propõe diferenciar invocação e demanda. Na demanda, o sujeito se encontra em uma posição de “dependência absoluta ao Outro” (VIVÈS, 2009, p.01). Há um outro que faz suporte à alteridade. Podemos dizer que, na demanda, o registro de que se trata é o imaginário? Lacan, no primeiro patamar de seu grafo do desejo, apresenta o sujeito e o outro em uma relação especular, no eixo a-a’. Catão (2005, p.61) diz que nesse patamar figura o sujeito do enunciado, diferentemente do patamar superior, no qual já há sujeito da enunciação. Como sustenta Vivès (2009), há, na invocação, a introdução do lugar da alteridade, do lugar do Outro de onde um sujeito pode advir, “de onde um sujeito, pura possibilidade, seria chamado a vir a ser” (*id*, p. 01). Com isso, podemos dizer que, na invocação, o registro simbólico já se faz presente. Trata-se do sujeito da enunciação.

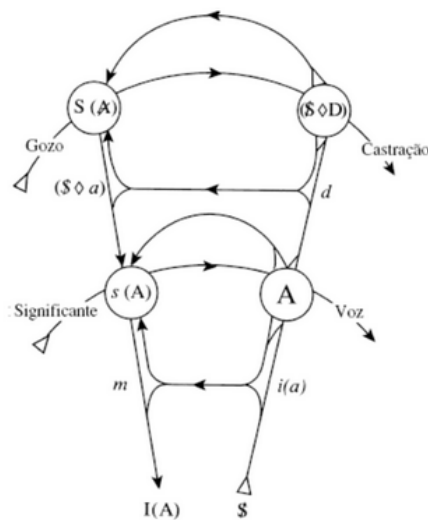


Figura 7. O grafo do desejo (Lacan, 1962-63/2005, p.12).

Tomemos o grafo do desejo. Podemos dizer que a demanda está no eixo m-i(a). Já a invocação está no eixo simbólico, referente à pergunta *Che vuoi?* Que queres? no topo do grafo. Essa pergunta só pode ser formulada quando já há o Outro inscrito, e, portanto, quando já houve o fechamento do circuito pulsional (CATÃO, 2005, p.2009). Com isso, dizemos que a invocação se sustenta na inscrição do Outro.

Vejamos o objeto voz. Tomemos como ponto de partida a frase de Lacan em seu escrito “O aturdido”: “Que se diga fica esquecido atrás do que se diz naquilo que se ouve”<sup>10</sup> (LACAN, 2003, p.48). Essa frase é enigmática, ela nos causa. Na tentativa de entendê-la,

<sup>10</sup> LACAN, Jacques - “O aturdido” – tradução estabelecida pela Escola Letra Freudiana (“*Qu’ on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s’entend*”). Veja-se também *O aturdido*. Em: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 448.

decantamos algumas questões que enlaçam “o que se diz” ao “que se ouve”. São elas: O que se ouve? O que se ouve fica? O que se ouve fica esquecido?

A partir da palavra *entend* (ouve, do verbo *entendre*), presente nessa frase nos valeremos de três verbos em francês traduzidos para o português como: ouvir/escutar. São eles: *entendre*, *ouïr* e *écouter*.

*Écouter*, de acordo com o dicionário etimológico da língua francesa, deriva do verbo latino *ascultare*, significa prestar atenção para perceber ou ouvir. *Ascultar*, sinônimo de escutar, usado de forma mais corrente, se relaciona ao ouvir do estetoscópio e também a ouvir os ruídos do corpo. O termo escuta é utilizado por Lacan relacionado à escuta analítica. Mas, neste trabalho, nos deteremos nos verbos *ouïr* e *entendre*.

O verbo *ouïr* caiu em desuso, no francês, a partir do século XVII. Ele deriva do latim, *audire*, assim como o verbo “ouvir” em português. *Audire*, em latim, quer dizer “perceber sons pelos ouvidos”. No francês, *ouïr* foi substituído pelo verbo *entendre*, que, por sua vez, deriva do latim *intendere* e se associa, etimologicamente, ao verbo *entender*, em português. A significação de *entendre* é “ter sua atenção voltada para”. Atenção, *attentione*, no latim, diz respeito à ação de aplicar o espírito a alguma coisa.

Percebemos que, na frase de Lacan, o termo *entend* é traduzido para o português como *ouve*. Aquele que *ouve*, *entend*, se direciona a alguma coisa. Ouvir, nesse sentido, leva em conta o Outro. Implica em um sujeito e implica um sujeito naquilo que ele ouve. É uma dupla implicação no sentido matemático do termo. Na lógica, a implicação sinalizada com  $\rightarrow$  indica uma proposição lógica do tipo “se” ...” então”. Quando há uma dupla implicação, o vetor é duplicado  $\leftrightarrow$  - e a proposição só pode ser verdadeira se ambas as partes dela forem verdadeiras (LOUREIRO, 2013). Ouvir carrega uma dupla implicação: um sujeito ouve, se e somente se houve um Outro. Considera-se o sujeito que ouve. Essa significação do *entendre* comporta um endereçamento.

*Ouvir* permite a homofonia com o *haver* e sustenta o campo de que se trata. Se houve o Outro, então o sujeito fez sua entrada na linguagem. Há um ouvido físico deficiente para a inscrição de sons, mas há um aparelho psíquico, aparelho de linguagem que sustenta as inscrições do que houve do Outro. Houve, aqui, do verbo haver. Nesse sentido, o *entendre* carrega uma alteridade, o mesmo não se dá com o verbo *ouïr*. *Ouïr* passa pelos ouvidos, ao

utilizarmos *entendre*, consideramos que algo da linguagem se recorta. *Entendre* implica a linguagem. É dessa modalidade de ouvir que falamos.

Freud, em seu texto "O eu e o isso"<sup>11</sup>, introduz a proposta de um aparelho de linguagem, o *Horkappe*, uma placa auditiva, um receptor acústico que se assenta transversalmente ao eu. O termo *Horkappe* é desmembrado em duas palavras: *Hören*, que significa ouvir escutar, e *Kappe*, boné, gorro, capuz, tampão. Um dispositivo que se acopla ao eu, um tampão de ouvido, uma "calota acústica", termo cunhado por Paul-Laurent Assoun(1999). Esse ouvido que se assenta transversalmente ao eu é o que permite ao sujeito receber a linguagem. Trata-se de um receptor dos restos de palavras ouvidas localizado na superfície do corpo, visto que, como assinala Freud (*idem*, 1923, p. 27): "o eu é sobretudo uma essência-corpo".

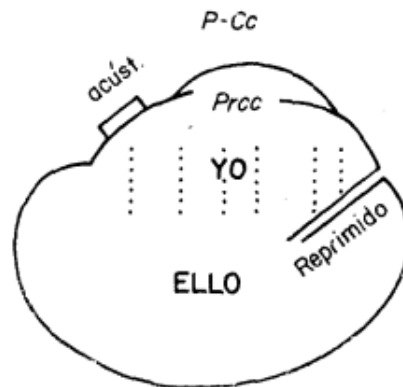


Figura 8. O Horkappe (Freud, 1923, p.27)

Os restos de palavras provêm de percepções acústicas (em alemão: *akustischen Wahrnehmungen*). *Akustuschen* deriva do grego *akoustikós* – relativo ao ouvido. O termo acústico se relaciona com as ondas sonoras, com a vibração que produz som. É importante marcarmos a vibração que vem da palavra. A vibração é mais primitiva do que a articulação elaborada dos fonemas e palavras, mas está em tudo o que se diz, é da ordem da voz. *Akustuschen*, que se relaciona com as ondas sonoras, traz a vibração, que tem a ver com a posição do Outro, com a língua (o que trabalharemos no capítulo 3) e com a voz.

“Os restos de palavra provêm, essencialmente, de percepções acústicas, através das quais se dá uma particular origem sensorial, para o sistema Pré-consciente. Em uma primeira abordagem, pode-se desdenhar os componentes visuais da representação-palavra por serem secundários, adquiridos mediante a leitura, e igualmente as imagens motrizes da palavra, que, exceto no caso dos surdos-mudos, desempenham o papel de signos de apoio. A palavra é, então, propriamente, o resto mnêmico da palavra ouvida” (Freud, 1923, p.22 e 23).

<sup>11</sup> Utilizaremos o texto na versão espanhola, estabelecida pela Amorrortu Editores, com tradução livre para o português feita pela autora.

*Ouvindo*, em alemão, é *gehörten*, que deriva de *gehör*, ou seja, ouvido, no sentido da audição.

E a voz? A voz de que falamos não carrega a mesma significação do uso corrente que fazemos da palavra voz. A voz é considerada por Lacan como um dos objetos *a*. “O objeto *a* é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão” (LACAN, 1964/1998, p.101). A voz deixa de ser um produto do aparelho fonador para se inserir em uma série que leva em conta o corpo marcado pela linguagem. A saber: seio, fezes, olhar e voz, sendo os dois primeiros articulados na dimensão da demanda e os dois últimos, na dimensão do desejo. O objeto *a* tem a ver com os orifícios do corpo marcados pela linguagem, é da ordem de uma escrita no corpo que passa pelo significante. O conceito de pulsão entra aqui como indispensável, pois é o que enlaça corpo e linguagem.

A voz é um objeto que sustenta outro estatuto diferente dos demais objetos. É através da voz que a linguagem e a fala se transmitem. (VIVÈS, 2009, p.5). Poderíamos pensar a voz como o primeiro objeto da pulsão, e não o seio, já que é através dela que a linguagem marca o corpo? “O primeiro objeto perdido não é o seio, como se diz com frequência, e sim a voz, pois, para que o objeto oral seja tido como objeto, é preciso haver significante” (*id*, 2012, p.22). É preciso haver voz para que a linguagem possa inscrever as bordas do corpo. Ela não se apresenta somente no registro do sonoro. A voz se ordena como objeto da pulsão, como “suporte corporal, e, portanto, pulsional de um enunciado, independente da modalidade sensorial utilizada por este” (*id*, 2012, p.13).

É importante dizer que a voz entra nessa dimensão “ouvida” do que vem do Outro, marca que deixa rastro, fragmentos, vibra no corpo, onde a invocação do Outro se faz presente, daí a dimensão de desejo. Esses traços, restos de coisas “ouvidas”, fragmentadas, ficam marcados em um tempo primeiro da constituição do sujeito e retornam em um momento posterior como “estranhos”, como vindos do Outro. Nesse sentido, o significante que marca o corpo, resto de coisas vistas e ouvidas que entram pelo aparelho psíquico, faz a voz se separar da sonorização e da vocalização. Linguagem e vocalização andam juntas, mas não são a mesma coisa. O som faz suporte ao significante, mas não é o significante. Som se relaciona com ressoar, com a vibração, com a voz. Há uma relação mais do que acidental ligando a linguagem à sonoridade. A sonoridade, aqui, se relaciona com o fato de a voz fazer ressoar: “ressoa num vazio que é o vazio do Outro como tal” (LACAN, 1962-63/2005, p. 300). Ressoar tem a ver



com o vazio, tal como o eco, o som bate num ponto e retorna como de fora. O vazio do Outro é o lugar do ressoar da voz.

### 3.4.5 Ressonância da voz como objeto *a*

Consideramos importante recortar algumas falas de pessoas surdas que fizeram implante coclear<sup>12</sup>, retiradas do filme “Dois mundos”, um curta-metragem de Thereza Jessouroun<sup>13</sup> (2010), a fim de mostrar, por meio delas, a diferença entre o som, como fenômeno físico, e a ressonância da voz, como objeto *a*.

“Juliana: - Eu não sei se posso dizer que existe o silêncio total. Até porque, eu me lembro de uma vez, quando era pequena, que meu pai disse que eu escutava de outras maneiras. A gente sente as coisas, a gente observa as coisas, às vezes a gente nem se dá conta de que está observando, que está sentindo. Por exemplo, numa estação de metrô, mesmo que o trem não tenha chegado e eu esteja sem aparelho, eu vou saber que ele está chegando porque ele vibra”.

Não podemos determinar como nem o que a fez ouvir, mas, por sua fala, vemos que a linguagem é o necessário. Lembramos, aqui, que a importância da vibração da voz é fazer ressoar. O ressoar se relaciona com o Outro, com a linguagem.

O ouvido implica não só o ser ouvido, mas o ser falado. Assim *ouvir* passa pela voz. Ouvir implica dois aparelhos de percepção: o aparelho auditivo e o aparelho fonador. Mesmo em um bebê surdo, a lalação está presente e mobiliza esse duplo aspecto do *ouvir*. Lalação é a ação de lalar, do latim *lallare*, significa cantar para ninar as crianças. Esse termo também tem como significado “a forma infantil de falar”. Pais cantam canções, direcionam falas, músicas, melodias a seus bebês, antes de saberem que seu bebê é surdo. A musicalidade, o canto, a voz dos pais se direciona à criança. É o que possibilita sua inscrição na linguagem. A constituição do sujeito passa pelo desejo do Outro. E, como já dissemos, faz ecoar os sons nos orifícios do corpo. Se há desejo implicado no processo, a constituição do sujeito está feita. Outra coisa é a

<sup>12</sup> O implante coclear é um dispositivo eletrônico que estimula as fibras nervosas e permite a transmissão do sinal elétrico para o nervo auditivo, possibilitando ao indivíduo perceber o som. Ele possui dois componentes. Um externo, composto de: um microfone que capta o sinal acústico, uma antena transmissora e um processador de fala, que emitem os sinais acústicos para um dispositivo interno, inserido cirurgicamente, que possui uma antena interna e um receptor estimulador, que contém um “chip”, que converte os sinais eletrônicos para a cóclea. (Disponível em: <http://www.implantecoclear.com.br> acesso em: 15/05/2012).

<sup>13</sup> “Dois Mundos” é um curta-metragem que ganhou o “Prêmio Porta Curtas” no Festival do Rio, em 2010. Thereza Jessouroun é cineasta, documentarista aborda diversos temas em seus filmes. Possui muitos filmes premiados, dentre eles, “Fim do Silêncio”, sobre o aborto, “Samba”, sobre a dança do samba, “Os Arturos”, sobre a tradição da congada na comunidade de negros de Contagem, Minas Gerais. (Disponível em: <http://clubedaculturalivre.blogspot.com.br> Acesso em: 15/05/2012).

surdez. A constituição do sujeito se baseia nas marcas da linguagem, na enxurrada de sons que marcam um sujeito.

A importância dada por Freud ao resto de palavra ouvido, diz respeito a um corpo marcado por significantes que vêm do Outro, corpo-superfície marcado pela linguagem. Não se trata, efetivamente, de um ouvido, de um aparelho auditivo. O ouvido de que falamos é a “calota acústica”, o “tampão de ouvir”, o *Horkappe*. Trata-se de uma escuta em um corpo marcado por significantes.

Outro recorte de uma fala extraído do documentário citado:

“Entrevistadora: - Você está escutando o que eu estou falando?

Surda: - Não.

Entrevistadora: - Nada?

Surda: - Eu sei que você está falando, mas eu não estou entendendo.

Entrevistadora: - Você só está lendo os meus lábios?

Surda: - Sim.

Entrevistadora: - E a sua voz?

Surda: - Minha voz é irritante. Não gosto da minha voz.

Entrevistadora: - Mas você também não escuta a sua voz!

Surda: - Minha voz dá pra escutar, porque o tempo todo eu estou com ela, com o aparelho, todo dia ali. Não gosto da minha voz”.

Pessoas que receberam um implante coclear, na maioria dos casos, já possuem a linguagem inscrita, já passaram pela constituição do sujeito e já se posicionam em uma das três estruturas de diagnóstico psicanalíticas: neurose, psicose ou perversão. Aparelho auditivo e aparelho psíquico são registros diferentes. O fato de não haver um aparelho auditivo funcionando, não exclui o surdo da linguagem.

Escolhemos esse exemplo para ilustrar o fato de que o ouvir, no sentido da audição, alcançado por essa mulher só posteriormente, é diferente do ouvir a linguagem. Com sua resposta à entrevistadora de que sabe que ela está falando, mas não a está entendendo, percebemos que o ouvir que passa pelos ouvidos não está presente no mesmo registro do ouvir da leitura labial. Ouvir, para ela, implica a leitura dos lábios e não o som que vem do implante coclear. No caso dessa pessoa surda, embora não haja o aparelho auditivo funcionando, o *Horkappe*, ousamos dizer que a posição do Outro está presente, há a linguagem.

Outro ponto interessante dessa fala é a remissão feita por ela à sua própria voz. Retomaremos, agora, as últimas falas da entrevista. A entrevistadora lhe pergunta sobre sua voz, a respeito da qual ela responde que é irritante. Assoun (1999, p.39) pontua que a própria voz contém esse efeito de estranheza. Esse retorno na própria voz é uma busca de si mesmo: "eu não poderia ser o ouvinte da minha voz sem que se insinuasse, mais-além dos efeitos físicos

de ‘retorno’ através dos condutos auditivos, esse sentimento de alteridade: devo me reconhecer inteiramente nessa voz”.

Ainda sobre a observação da pessoa surda quanto à sua própria voz, a entrevistadora se espanta: “Mas você também não escuta a sua voz!”. A entrevistada, então, responde que ouve a sua própria voz, está com ela o tempo todo. “O espelho é necessário para produzir o ‘ver a si mesmo’, portanto, o ‘ouvir a si mesmo’ está já presente no mais íntimo da subjetividade” (MILLER, 1994, p.48). Segundo Miller, o mais íntimo da subjetividade é reenviado ao próprio sujeito por meio de sua própria voz, ao que se poderia acrescentar que “a voz, na condição de objeto *a*, parasita o corpo, causa estranheza mesmo quando é a própria” (CALDAS, 2007, p.93).

Outro recurso do surdo é a língua de sinais. Mas será que a imagem visual do gesto, na língua de sinais, substitui a lalação? Virole (1990) trabalha a língua de sinais associada aos caracteres da escrita oriental, da qual se poderia pensar que, por se tratar de uma língua mais visual, a palavra estaria diretamente ligada à coisa que ela representa. Mas esse elo é sempre perdido. Não há uma significação posta na palavra. Mesmo sendo uma língua de sinais, há o significante que não se significa por si mesmo. Se a palavra falada por meio de sinais tivesse ligação direta com a coisa que ela representa, não haveria as diferenças que existem entre a língua brasileira de sinais e a língua francesa de sinais, por exemplo. Mesmo dentro de uma língua gestual, há traços de regionalizações, quase como os sotaques e gírias na língua oral, havendo, portanto, diferenças entre idiomas de sinais também. Não há uma ligação direta entre palavra e coisa. Há significantes que se encadeiam, assim como na fala oral.

Retornando à frase situada no texto “O aturdido”: “Que se diga fica esquecido atrás do que se diz naquilo que se ouve” (LACAN, 2003, p.48). O que precisa ficar esquecido? Há um resto do que se ouve – objeto voz – que cai dessa operação, o objeto *a*, que, por sua vez, possibilita a assunção do sujeito. De acordo com Vivès (2009), na constituição do sujeito há um “ponto surdo” que se coloca como necessário para que haja a estruturação da voz. Para aceder à linguagem, o sujeito necessita se colocar surdo ao som, a fim de que algo do recalque possa operar.

“Ponto surdo é o lugar intrapsíquico onde o sujeito, após entrar em ressonância com o timbre originário, deverá poder tornar-se surdo para falar sem saber o que diz, ou seja, como sujeito do inconsciente” (VIVÈS, 2012, p.15).

A voz cai dos restos do que se ouve. Ouvir é da ordem da linguagem. Houve o Outro, o que possibilita a inscrição de um sujeito na linguagem. O inconsciente é estruturado como

uma linguagem e o sujeito é o que emerge entre um significante e outro, independentemente da surdez do aparelho auditivo. Se há inscrição no aparelho psíquico, podemos dizer que um surdo ouve.

## 4.

**A constituição do sujeito - Recortes Clínicos**

O presente capítulo visa a trazer fragmentos de duas autobiografias, nas quais as autoras apresentam particularidades no corpo. São elas: “A história de minha vida”, de Helen Keller (2008), que, além de surda, era cega, e *Le cri de la mouette* (1993), traduzido para o português como “O voo da gaivota” (1996), de Emmanuelle Laborit. Ambas dão indícios da constituição do sujeito, a partir das marcas no corpo, trazendo na escrita, que se dá na vida adulta, os traços da infância, momentos traumáticos e a lógica particular do funcionamento de cada uma, a partir do seu encontro com a incidência do real no corpo.

*4.1 Helen Keller e sua escrita. Um contorno pela via do olhar*

“Tudo que o sujeito recebe do Outro pela linguagem, diz a experiência comum que ele o recebe sob a forma vocal. A experiência de casos que não são tão raros assim, embora sempre se evoquem os casos espetaculares como o de Hellen Keller, mostra que existem outras vias que não as vocais para receber a linguagem. A linguagem não é vocalização. Vejam os surdos”. (LACAN, 2005, p.299)

Esse livro foi escrito na idade adulta. Helen Keller relembra sua infância e seu encontro com a linguagem. Helen nasceu com os aparelhos de percepção normais, desenvolvendo-se bem até seus dois anos. Já balbuciava algumas palavras, como “água”, por exemplo, quando adoece do que hoje se conhece como escarlatina.

“... Então, no sombrio mês de fevereiro, chegou a doença que fechou meus olhos e ouvidos, mergulhando-me na inconsciência de um bebê recém-nascido. Chamaram-na de congestão aguda do estômago e do cérebro. O médico achou que eu não conseguiria sobreviver. Numa manhã bem cedo, porém, a febre foi embora tão súbita e misteriosamente como chegara. Houve uma grande alegria na família naquela manhã, mas ninguém, nem mesmo o médico, sabia que eu jamais enxergaria ou ouviria de novo” (KELLER, 2008, p.7).

Sua doença é uma incidência do real que a marca em sua mais tenra infância. Devemos pensar que uma criança de dois anos de idade já carrega os traços marcados desses meses de vida. Os aparelhos de percepção estavam em desenvolvimento, assim como os registros no

corpo, que são da ordem da linguagem, estavam em funcionamento, por meio do aparelho psíquico.

Parece que, mesmo tendo seus olhos e ouvidos fechados pelo real do corpo, algo da linguagem já se fazia presente. Para Helen, houve registros, traços da linguagem que marcaram o corpo como *lalíngua*. *Lalíngua* é a língua de cada um como resposta à língua em que o sujeito foi falado. Tem relação com o desejo do Outro. *Lalíngua* remete à lógica na qual um sujeito se insere na linguagem.

Será que os objetos a olhar e voz se fazem presentes em um sujeito com olhos que não em e ouvidos que não ouvem? No fragmento abaixo, Keller traz um ponto interessante referente ao olhar em sua lógica:

“Minha tia me fez uma grande boneca de toalhas. Era a coisa mais cômica e disforme, aquela boneca improvisada, sem nariz, boca, orelhas ou olhos – nada que mesmo a imaginação de uma criança não pudesse converter num rosto. De modo bastante curioso, a ausência de olhos me causou mais impressão do que todos os outros defeitos juntos. Destaquei isso para todos com provocante persistência, mas ninguém parecia estar à altura de fornecer olhos à boneca. No entanto, uma ideia brilhante surgiu e o problema foi resolvido. Saí do banco tropeçando e procurei até encontrar a capa de minha tia, enfeitada com grandes contas. Puxei duas contas e indiquei a ela que eu queria que as costurasse na boneca. Ela levou minhas mãos aos seus olhos de um modo interrogador e concordei energicamente com a cabeça. As contas foram costuradas no lugar certo e eu não conseguia conter minha alegria; mas imediatamente perdi todo o interesse na boneca” (*idem*, p.16 e 17).

Nessa passagem, percebemos o quanto o olho/olhar é importante para Helen. O interesse na boneca estava nesse olhar sem olho. A necessidade de dar olhos à sua boneca de pano mostra seu questionamento em relação ao olhar. A boneca passa a não ser mais interessante para Helen no momento em que ganha olhos. Por que? Seria interessante aventar algo ou então retirar a ênfase nisso.

Aos seis anos, Helen passa a ser educada por Anne Sullivan valendo-se da língua de sinais. A professora soletrava as palavras, no alfabeto dos surdos, valendo-se das mãos de Helena partir desse momento, passou a haver uma outra configuração de linguagem para Helen. Houve, então, três tempos em seus registros de linguagem:

1. Olhos e ouvidos registravam traços vistos e ouvidos através dos aparelhos de percepção;
2. Seus olhos e ouvidos foram acometidos pela doença, quando ainda não sabia falar;
3. A entrada na língua falada e escrita, a partir do alfabeto manual sentido na ponta de seus dedos.

Parece que esse terceiro tempo enlaça os outros dois anteriores, pois foi nesse momento que Keller pôde sustentar uma fala. É sempre uma lógica muito particular que faz a inserção do sujeito na linguagem. Esse “soletrar” sustentado pelo Outro, encarnado na figura de Anne Sullivan, possibilita a Helen uma fala. Sustentar uma fala é outro tempo de um sujeito na linguagem.

Retornamos aqui à questão do corpo: como fica, ali, a amarração dos objetos olhar e voz? Com a possibilidade de sustentar um discurso, algo do corpo retorna como estranho para Helen: “Enquanto voltávamos para casa, cada objeto que eu tocava parecia estremecer de vida, já que eu via tudo com a nova e *estranha* (grifo nosso) visão que chegara a mim” (*idem*, p22). Estranho/familiar, a visão se apresenta como *Unheimliche*, a partir da linguagem. Visão que não é do olho, mas do olhar. Algo bordeia o olho e cai um objeto – o olhar.

Freud, em seu texto de 1919, “O estranho”, faz uma exposição sobre o estranho/familiar, *unheimlich/heimlich*, tomando por base a obra de Hoffmann, “O homem de areia” (1815), na qual o personagem central do texto, Nathaniel, tem medo do ‘Homem de areia’, personagem de uma fábula contada por sua mãe quando este ainda era criança. O Homem de areia arranca os olhos das crianças. Posteriormente, quando rapaz, Nathaniel se apaixona por Olympia, um autômato, uma boneca de madeira com rosto de cera e um olhar morto. É um conto sobre o olhar.

Freud considera esse texto em relação ao estranho por ele trazer, na figura do ‘Homem de areia’, a representação de ter os olhos arrancados. Associa a angústia de ter os olhos arrancados à angústia de castração quando escreve: “Portanto, nos atreveríamos a reconduzir o estranho do Homem de Areia à angústia do complexo infantil de castração” (Freud, 1919/1992, p.233).

Outro ponto em que o “estranho” aparece é quando há uma identificação com outra pessoa e o eu se situa, por duplicação, alheio ao sujeito. Quanto a esse duplo, Freud diz que essas representações, que aparecem na identificação com outra pessoa, nascem no terreno do narcisismo primário. O sepultamento do duplo não necessariamente ocorre junto com o do narcisismo inicial. O estranho pode gerar a instância do supereu, contrapondo-se ao eu e desenvolvendo o trabalho de censura psíquica.

“O fato de que exista uma instância assim, que pode tratar o resto do eu como objeto; ou seja, o fato de que o ser humano seja capaz de observação de si, possibilita encher a antiga representação do duplo com um novo conteúdo e atribuir a ela diversas coisas, principalmente tudo aquilo que aparece frente à autocritica como pertencente ao velho narcisismo da época primordial” (*id.*, 1919/1992, p.235).

O estranho aparece quando o sujeito toma seu eu como objeto. O objeto que ele foi para o Outro é tomado pelo sujeito como alheio a ele, mas em um distanciamento próximo, visto que é do próprio sujeito que se trata, em sua posição como objeto que ele foi para um Outro no narcisismo primário perdido. Nesse paradoxo de distanciamento e proximidade, Freud fala do estranho quando o ‘duplo’ aparece – ao mesmo tempo sujeito e objeto, estranho/familiar. Nesse sentido, o sujeito encontra-se em “exclusão interna” a seu objeto, o que ele foi para o Outro e que constitui sua posição de objeto, destaca-se dele ao mesmo tempo em que sua posição de sujeito aparece. Esse corte instaura sujeito e objeto com uma hiância entre eles:  $\$ \diamond a$ , a fantasia se instaura mantendo sujeito e objeto separados por uma “exclusão interna”. O que retorna para o sujeito como estranho mostra como sujeito e objeto não apresentam nem conjunção nem disjunção. É algo estranhamente familiar, que aponta para a dupla a posição sujeito e objeto. “O sujeito está em exclusão interna ao objeto” (Lacan, 1965-66/1998) posição do duplo que aparece estranho/familiar, excluído/interno.

A estranha visão que se coloca para Keller, visão do olhar e não do olho, aponta para sua posição de sujeito em conjunção/disjunção com o objeto. Esse estranho/familiar do olhar só pôde surgir a partir da sustentação de um discurso, a partir de uma posição de sujeito que faz cair o objeto olhar.

Em sua escrita, percebemos também o imperativo da ordem da voz, pela via do supereu, a partir de sua posição de sujeito.

“Foi na primavera de 1890 que aprendi a falar. O impulso de emitir sons audíveis sempre fora forte em mim. Eu costumava fazer ruídos com uma das mãos na garganta, enquanto sentia com a outra os movimentos de meus lábios. Ficava contente com qualquer coisa que fizesse barulho, gostando de sentir o gato ronronar e o cachorro latir. Também gostava de pôr a mão na garganta de um cantor, ou num piano que estava sendo tocado. Antes de perder a visão e a audição eu estava aprendendo rapidamente a falar; mas depois de minha doença, descobriu-se que eu parara de falar porque deixara de ouvir. Costumava sentar no colo de minha mãe o dia inteiro e manter as mãos no rosto dela porque me divertia sentir os movimentos de seus lábios; e movia os lábios também, embora tivesse esquecido de como era falar. Meus amigos diziam que eu ria e chorava naturalmente e por um tempo emitia muitos sons e partes de palavras, não porque fossem um meio de comunicação, mas porque a necessidade de exercitar meus órgãos vocais era *imperativa* (grifo nosso). Contudo, havia uma palavra de cujo significado eu ainda lembrava, “água”. Eu a pronunciava “á-ua”. Mesmo isso se tornou cada vez menos inteligível, até o momento em que a Srta. Sullivan começou a me ensinar. Só parei de usar a palavra quando aprendi a soletrá-la com meus dedos” (KELLER, 2008, p.56 e 57).

Retomemos a frase: “a necessidade de exercitar meus órgãos vocais era imperativa”. Nessa frase, ela enlaça a necessidade, já marcada pela demanda, com o corpo como objeto de gozo e o imperativo da voz. Ela deixa de lado essa necessidade imperativa ao entrar no discurso. Keller deixa de sucumbir ao imperativo da voz no momento em que sustenta um discurso com



as mãos. Ao entrar nas leis da fala, esse imperativo já não mais se coloca somente como necessário. De posse do discurso com as mãos, pode sustentar uma fala oral retomando o uso da voz, a partir do discurso.

Lacan expõe que o supereu é o imperativo categórico do gozo: - Goza! (Lacan *apud* VIVÈS, 2009, p.04). O acesso ao significante dado pela posição de sujeito constituído é a possibilidade de sair do gozo mortífero. O significante vela essa voz imperativa. “A fala faz calar a voz, ou mais precisamente permite que ela se torne inaudível”. (VIVÈS, p.08). A partir da estruturação psíquica, essa necessidade imperativa pode ser contornada e o objeto voz pode cair.

Cabe ressaltar que os objetos caminham juntos na constituição do sujeito. No caso de Keller, parece que o objeto olhar é prenhe em sua constituição. Mas o lugar do desejo do Outro, objeto voz, também se faz presente.

#### 4.2. *Emmanuelle Laborit - o grito da gaivota e o objeto voz*

Trazemos aqui alguns recortes da escrita de Emmanuelle, atriz e diretora do Teatro Visual Internacional, que nasceu surda, para pontuar sobre a constituição do sujeito com uma particularidade no corpo. Seu livro autobiográfico, *Le cri de la mouette* (1994), literalmente, *O grito da gaivota*, traduzido para o português como *O voo da gaivota* (ano), relata suas lembranças de infância, adolescência e início da idade adulta. Ela entrou no discurso a partir do aprendizado da língua de sinais, introduzido por seu pai.

“Primeira lembrança? Não há nem primeira nem última lembrança de infância na minha desordem comigo mesma. Há sensações. Dois olhos e o corpo para registrar a sensação”. (LABORIT, 1993, p. 28).

Não há como localizar as lembranças de infância no tempo. Há um corpo que registra sensações. Cabe pensar, aqui, que o registro é da ordem da linguagem. Trata-se do aparelho psíquico.

“O inconsciente é estruturado como uma linguagem”, sustenta Lacan em toda a sua obra. No avanço de sua teorização, ele aponta que essa linguagem nada tem a ver com a comunicação ou com a linguística, é uma linguagem que se refere à *lalíngua*. “A linguagem, sem dúvida, é feita de *lalíngua*, é uma elucubração de saber sobre a própria *lalíngua*” (Lacan, 2010, p.267).

Lacan utiliza esse termo *lalíngua*, *lalangue*, em francês, escrito em uma só palavra para designar sua diferença em relação à linguagem, como o que necessita de um emissor e de um receptor e que comporta uma mensagem, tal como é tomada na linguística, no que concerne à linguagem na qual o inconsciente é estruturado. “Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é exatamente porque a linguagem não existe. A linguagem é o que se tenta saber com relação à função de *lalíngua*” (LACAN, 2010, p.267). Falar de *lalíngua* é falar do que afeta um sujeito, que emerge como efeito.

“*Lalíngua* nos afeta, de início, por tudo o que ela comporta de efeitos, que são afetos. E se podemos dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem é, muito precisamente, porque esses efeitos de *lalíngua*, que já estão ali como um saber, como um saber que não tem nada a fazer, vão muito além de tudo o que o ser, o ser que fala é suscetível de articular como tal” (*id.*, 2010, p.267 e 268).

O termo *lalíngua* comporta algumas possibilidades de sentido. Uma delas se relaciona com o termo *lalação* cuja ação, do latim “*lallare*”, significa cantar para ninar as crianças, conforme já citado anteriormente. Esse termo articula-se ao desejo do Outro e possibilita a constituição do sujeito, assim como a circunscrição de um corpo pela via da linguagem. A constituição do sujeito passa pelo desejo do Outro e faz ecoar sons nos orifícios do corpo. Podemos pensar que algo da ordem da *lalação* também se apresenta em pessoas surdas. Vejamos mais um trecho do livro de Emmanuelle Laborit:

“Eu me lembro do ventre. Minha mãe está grávida de minha irmã menor, eu sinto as vibrações muito fortes. Eu sinto que há alguma coisa. O rosto enterrado na barriga de minha mãe, “eu ouço” a vida. Eu não posso imaginar que há um bebê na barriga de mamãe. Para mim, é impossível. Eu vejo uma pessoa, e há uma segunda pessoa dentro dela? Eu digo que isso não é verdade. Isso é uma piada. Mas eu amo o ventre de minha mãe e o ruído da vida dentro dele. Também gosto da barriga de meu pai, à noite, quando ele conversa com amigos e com minha mãe. Eu estou cansada, deito-me ao lado dele, a cabeça na sua barriga e sinto sua voz. Sua voz passa por sua barriga e eu sinto as vibrações. Isso me acalma, me tranquiliza, é como uma canção de ninar, eu caio no sono com suas vibrações como uma cantiga na minha cabeça” (LABORIT, 1993, p.28).

Não seria essa ressonância, essa vibração, a qual Emmanuelle se refere, da ordem de *lalíngua*? Uma voz que ressoa no corpo. *Lalíngua* é a língua de cada um como resposta à língua em que o sujeito foi falado. Ela não remete ao sentido das palavras, mas às suas modulações, suas vibrações, sua lógica. Tem relação com a voz, uma vez que esta, como objeto *a*, indica o desejo do Outro. Lembremos que a voz ressoa no vazio do Outro, faz eco nos furos do corpo, constituindo-o juntamente com a constituição do sujeito, pois, como aponta Freud no texto “O Eu e o isso”, já abordado no capítulo 1: “o eu é, sobretudo uma essência-corpo” (1923, p.27). O

corpo é um eu-superfície afetado por *lalíngua*. A voz vibra no corpo, faz corpo. E essa vibração não se refere somente ao "aparelho auditivo". A constituição do corpo tem a ver com os registros, com a linguagem, com o aparelho psíquico. *Lalíngua* marca o corpo e possibilita a assunção de um sujeito. *Lalíngua* afeta o corpo e faz contorno em suas bordas. Nesse sentido, o que se ouve, conforme marcado a partir do capítulo 1 deste trabalho, implica o Outro, implica a linguagem. Trata-se muito mais de haver o Outro do que de ouvir o Outro. Haver o Outro abre a possibilidade de um sujeito se constituir. *Lalíngua* se apresenta mesmo em um aparelho auditivo "deficiente", como é o caso de uma pessoa surda.

Referindo-se às sessões com a fonoaudióloga, Emmanuelle diz:

"Minha mãe participou das sessões. Foi um apoio materno-infantil. É através da identificação com essa mulher que minha mãe aprendeu a falar comigo. Mas a maneira como nos comunicamos foi animal, instintiva, eu chamei-lhe "umbilical". Eram coisas simples, como comer, beber, dormir. Minha mãe não me impede de fazer gestos como não havia recomendado. Ela não teve coragem de me proibir. Havia outros sinais que foram completamente inventados" (LABORIT, 1993, p.17).

Signos completamente inventados que possibilitaram a Emmanuelle se "comunicar" com sua mãe. Há, aqui, o campo do Outro, a linguagem. Esses signos inventados apontam para o desejo do Outro e para a linguagem. Não sem razão, Emmanuelle chama essa linguagem de "umbilical". Umbigo que mostra a não separação do sujeito para com o Outro - tempo da alienação que insere um sujeito na linguagem.

Nesse sentido, ouvir, tomado aqui como a circunscrição da borda do corpo que faz cair o objeto voz, só é possível pela linguagem. "A vida que uma linguagem rejeita, nos dá bem a ideia de que é algo da ordem do vegetal". (LACAN, 1974, p.11) Onde não há linguagem, há somente um vegetal. Não há ouvido, nem objeto voz, nesse sentido, não há corpo, nem possibilidade de constituição de um sujeito.

A língua de sinais é uma língua gestual que apresenta as características básicas das línguas naturais. Uma técnica articulatória complexa cujas bases são: física, biológica, que veicula a articulação da língua; cognitiva; sociocultural e socioeducativa. Estudos linguísticos mostram que as línguas de sinais são comparáveis às línguas orais em expressividade e complexidade. Como já dissemos, há uma variedade extensa de línguas de sinais: LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), ASL (língua de sinais Americana), LSF (língua francesa de sinais), etc. As línguas de sinais, assim como as línguas orais, visam à comunicação. A diferença

principal das línguas de sinais em relação às línguas orais é a sua disposição visual ao invés de auditiva.

Em sua origem, *lalíngua* cai do Outro, mas não do Outro organizado como sistema linguístico. Ela advém do Outro desorganizado, desconhecido, como efeito das ressonâncias que provoca no corpo. A fala não se origina do sistema estruturado como uma linguagem, nem deriva da busca da comunicação. Como uma montagem, ela se dá a partir de peças soltas e heteróclitas. Serão os usos dessa montagem, no discurso, que permitem a construção do Outro como um sistema (CALDAS, 2007, p. 54).

Retomaremos a citação utilizada anteriormente da fala de Emmanuelle. Os sinais completamente inventados que fazem a sustentação de sua linguagem “umbilical” com a mãe sustentam a lógica pela qual ela opera. Mas a construção social que a língua comporta, que visa à “comunicação”, se inscreve em um tempo posterior, assim como a leitura e a escrita. É necessário haver *lalíngua* para, posteriormente, um sujeito se inscrever na língua corrente, usar o código, fazer laço social.

A língua de sinais, no caso de Emmanuelle Laborit, parece ter sido introduzida pelo pai.

“Meu pai ouviu algo no rádio. [...] Naquele dia, na cultura francesa, disse papai, este é um homem surdo que fala!

Meu pai explicou à minha mãe que este homem, ator e diretor, Alfredo Conrado, fala silenciosamente a língua de sinais. Esta é uma língua diferente, falada no espaço, com as mãos, expressões faciais e corporais! [...] Alegria, porque em Vincennes, perto de Paris, se encontra, com certeza, uma solução para mim! Ele quer me levar. Ele também sofre por não ser capaz de falar comigo, ele está pronto para tentar.

Mamãe diz que ela não o acompanhará. Ela tem medo de ser perturbada, talvez de se decepcionar muito. [...] nós temos, eu e ela, nosso sistema de comunicação complicada, que eu chamo de “umbilical”. Estamos acostumadas. Meu pai não fez nada. Ele sabe que eu precisava me comunicar com os outros, que eu realmente queria, o tempo todo. Esta possibilidade cai do céu pelo entusiasmo do rádio.

Eu acho que esta é a primeira vez que ele realmente aceita a minha surdez, me oferecendo este dom inestimável. E oferecendo-o a si mesmo, porque ele queria desesperadamente entrar em contato comigo” (LABORIT, 1993, p. 48, 49 e 50).

Opera-se um corte na relação dual mãe-criança com a introdução da língua de sinais, pela via do pai. Tem-se, aqui, o movimento da separação. Só podemos falar desse segundo momento, referente ao tempo da separação, por haver alienação. Pelo fato de haver *lalíngua*, é possível a estruturação psíquica *a posteriori*.

Não podemos dizer, nos parece, que todos os surdos se localizam em uma mesma estrutura psíquica. Uma coisa é a estrutura psíquica, outra é a surdez. Há surdos de nascença que tornam-se neuróticos, psicóticos ou perversos. Não é a surdez para o som que determina a estrutura do sujeito e sim como o sujeito se encontra referido ao Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai possibilita um arranjo, pela via do sintoma, da forclusão ou do desmentido, no que concerne a essas marcas no corpo da ordem de *lalíngua*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A escrita deste trabalho foi um aprendizado. Ela se deu fora de ordem, seguiu fios de desejo e encontrou urgências. Alguma delas, no desenvolvimento da parte teórica, fez com que o trabalho com a psicanálise, propriamente dito, se iniciasse pelo segundo capítulo. O quarto capítulo foi escrito em seguida, após o surgimento de uma pergunta a respeito de como falar, nessa dissertação, sobre a clínica com pessoas surdas. Tornou-se então necessário recorrer aos escritos autobiográficos de pessoas portadoras de surdez.

Percebeu-se que essa precipitação do momento de concluir apontava para um voltar atrás, necessário para o encadeamento do texto. Houve uma pressa, marcada, inclusive, pelos professores da banca de qualificação, que fez com que se tornasse necessário retomar introduzindo a questão da surdez no mundo. A partir disso, deu-se então a escrita do primeiro capítulo que, mesmo não inserido no campo da psicanálise, foi extremamente necessário para localizar o leitor no mundo da surdez.

No segundo capítulo, desenvolvemos um saber sobre a constituição do sujeito e, com isso, realizamos um retorno a Freud, em seus primórdios, para falar da experiência de satisfação, do complexo do próximo e de *das Ding*. Recorremos ao texto “Projeto para uma psicologia científica (1895)”, discorremos sobre a experiência de satisfação, o desamparo, fundante da posição do Outro e sobre a ação específica, associada ao desconforto do bebê. Nessa experiência, o grito vem do próprio corpo e, associado a ele, se apresenta a resposta do Outro, um auxílio alheio ao bebê. A ação específica instaura a demanda, pois sempre falta alguma coisa a essa ação específica. Isso nos levou a desenvolver a questão sobre a demanda e o desejo.

Lacan responde ao que é a demanda dizendo que: partindo da necessidade, ela passa pelo significante dirigido ao Outro. A demanda se instaura, assim, a partir de uma necessidade degradada e perdida com a entrada da linguagem, do significante. “A demanda exige, por natureza, para se sustentar como demanda, que haja uma oposição a ela” (LACAN, 1957-59/1999, p.92). A satisfação da demanda é impossível, pois articulada a ela está o desejo.

O desejo é furo, buraco vazio, incapaz de ser preenchido. Nesse sentido, trabalhamos a superfície topológica do toro, no qual o furo central é o que permite a sua escrita. Conforme dissemos, o toro se apresenta como uma boia ou um pneu, em que há um furo central determinante de sua forma. Se não houvesse esse furo no centro, o toro seria uma superfície

esférica achatada. Assim se funda a demanda. Sem o desejo no centro de suas voltas, o desejo do Outro, não haveria as voltas da demanda. O desejo e a demanda são inscritos a partir da ação específica, que instaura a posição do Outro e, desse modo, o *infans* entra na linguagem.

Ainda baseados no texto “Projeto para uma psicologia científica (1895)”, fizemos alguns desenvolvimentos sobre o complexo do próximo, *Nebenmensch*, associado à apreensão da realidade pelo sujeito. Por meio do próximo, há uma diferenciação entre mundo interior e mundo exterior. O próximo é também um objeto da satisfação, pois possibilita a descarga do desconforto do bebê. Aparece na experiência de satisfação associado ao grito. Trata-se da experiência na interação do sujeito com o outro, próximo, que funda o aparelho psíquico. É mediante o próximo que o Outro da linguagem se apresenta. O processo que se instaura segue o movimento da experiência de satisfação. Há um desconforto. O bebê chora para eliminar a tensão. O próximo se apresenta e lhe dá uma resposta, cessando, assim, o desconforto. Esse processo se registra e constitui um traço. Uma lembrança retorna desse traço inscrito. Por meio da relação com o próximo, o *infans* se insere na linguagem.

Quando Freud introduz a Coisa (*das Ding*), ele a apresenta como constante e associada ao sujeito, ao mesmo tempo em que funda a possibilidade de predicados. Essa posição de Freud nos fez associar sua lógica a lógica do estoicismo sobre os corpos e estados de coisa. Fizemos um adendo sobre o estoicismo, no qual apresentamos sua lógica associada à lógica freudiana.

Em Freud, assim como nos estoicos, há um ponto imutável e um variável, que se fundam sobre o ato, ou seja, o verbo. A ação funda o movimento e as posições lógicas. Por exemplo, nos estoicos, o cortar – ser cortado e, em Freud, no que diz respeito às pulsões, o ver – ser visto. Poderíamos pensar que aquilo que funda o sujeito e o objeto é a ação. E a posição constante, a Coisa, em Freud, se associa ao corpo, nos estoicos. Algo permanece constante e possibilita que os predicados (estados de coisas) possam se apresentar. Nesse processo, funda-se o juízo. Os atributos, os predicados, são ditados pelos registros já traçados – pelos traços de memória. Fica um ponto imutável e constante na raiz do sujeito: a Coisa. Esse ponto enigmático e vazio fundaria a possibilidade de articulação significativa, de predicado. Não queremos afirmar essas considerações como definitivas. Foram aquelas às quais chegamos mas convém sublinhar que nelas algumas questões permanecem.

Encerramos esse capítulo assinalando a diferenciação entre a Coisa e o objeto. A Coisa se diferencia do objeto por se encontrar fora de qualquer representação, ela é o que resta dos processos judicativos. É um primeiro exterior que funda o interior. É um lugar vazio que

instaura corpo e objeto. O objeto, no entanto, na formulação lacaniana de objeto *a*, é o que resta da operação significante. Por isso passa a ter um estatuto de êxtimo em relação ao sujeito. Ou seja: nem inteiramente interno, nem inteiramente externo a ele.

O capítulo 3 foi o último a ser escrito: a pesquisa, em Freud, sobre o campo pulsional se iniciou juntamente com o capítulo 2. Fomos ao texto “Pulsões e destinos das pulsões” (1915). Baseados nele, consideramos que a pulsão instaura e inscreve um corpo através da linguagem. O corpo em psicanálise não é o mesmo corpo da biologia, da medicina. O corpo é aquele dos orifícios contornados pela linguagem.

Contudo, a segunda parte do capítulo versando sobre os objetos pulsionais, em especial o olhar e a voz, foi a última parte escrita da dissertação. Falar dos objetos, em especial do objeto voz, foi a um só tempo o ponto nodal e o mais difícil dessa dissertação

Trabalhamos detidamente cada um dos componentes da pulsão: 1. Impulso, associado à exigência de trabalho imposta pela pulsão. 2. Meta, relacionada à satisfação pulsional – de forma parcial. 3. Objeto, meio pelo qual se alcança a meta, sendo os objetos variáveis os quais, ao se inscreverem, marcam que o objeto de que se trata, o objeto *a*, somente é contornado pela pulsão. 4. Fonte, associada ao corpo, às bordas do corpo e à exigência pulsional imposta pela linguagem.

Ainda dentro do campo pulsional, abordamos os movimentos olhar-ser olhado; passividade-atividade e sadismo-masochismo. Movimentos que, a partir da alteridade, do Outro, instauram as posições sujeito e objeto de forma esboçada. O sujeito de que se trata no movimento da pulsão aparece como objeto para o Outro. Destacamos o termo “novo” sujeito, que se apresenta no terceiro tempo do movimento pulsional, em Freud, no qual o novo é ver aparecer um sujeito nesse assujeitamento ao Outro.

Fizemos um parêntese sobre o amor e a pulsão. A importância de abordar o amor está no vínculo do eu com o objeto. Falar do amor é também falar da constituição do sujeito, pois esse tema se relaciona com o autoerotismo, com o narcisismo e se enlaça com as pulsões sexuais com o surgimento dos objetos de amor: a mulher que nutre ou o homem protetor.

Também abordamos o objeto em sua parcialidade, em sua inscrição a partir das bordas do corpo: oral, anal, fálica, olhar e voz. É pela borda do corpo, zona erógena, que se inscreve o que vem do campo do Outro. Nesse percurso, destacamos, com Lacan:



1. Seio – demanda ao Outro. Ao circunscrever essa borda, o grito parte do *infans* em direção ao Outro.

2. Fezes – demanda do Outro. O Outro demanda as fezes da criança que pode ou não oferecê-la.

3. Falo. Resolvemos incluir o falo na série dos objetos por este ser um objeto primordial, que introduz o Complexo de castração e o Complexo de Édipo, definindo, a partir da referência do sujeito à ele, uma estrutura psíquica: neurose, psicose ou perversão.

4. Olhar – desejo dirigido ao Outro. O olhar se relaciona ao se fazer ver. Nesse sentido, o desejo é inserido numa lógica, ou seja: há um endereçamento ao outro cuja função é a de encarnar o grande Outro. Assim, o sujeito se faz ver pelo Outro.

5. Voz – desejo do Outro. A voz pressupõe uma invocação do Outro em direção ao sujeito.

No percurso sobre a voz, recorreremos a Vivès que propõe utilizarmos o termo invocação, diferenciando-a da demanda. Na invocação já há uma alteridade inscrita, diferente da demanda, em que se necessita de um outro (semelhante) para fazer suporte ao Outro. A invocação já leva em conta o simbólico.

Desenvolvemos algumas observações sobre o verbo *entendre*, considerando que o mesmo leva em conta o Outro. Sustentamos que somente se ouve o Outro se houver Outro. É necessário introduzir a alteridade para que um sujeito possa advir. Esse ouvir psíquico está marcado por Freud em seu *Horkappe* (1923).

Diferenciamos a linguagem da vocalização. A importância da sonoridade se localiza na vibração, uma vez que esta ressoa no vazio do Outro. Utilizamos, como ilustração, algumas falas de pessoas surdas que fizeram implante coclear, a fim de pontuar que a linguagem e o som são diferentes. É possível que a linguagem passe por outras vias, mas sempre levando em conta a vibração.

Entramos, então, no último capítulo, com recortes de escritas autobiográficas considerados, no contexto dessa dissertação, como clínicos. Valemo-nos de trechos desses escritos para pontuar sobre *lalíngua*. *Lalíngua* é a língua de cada um em resposta à língua em que o sujeito foi falado. Esse ponto é muito importante na clínica. Como há um registro bilíngue na forma em que o sujeito foi falado, já que muitos surdos são filhos de pais “ouvintes” que

também aprendem a língua de sinais, parece que essa maneira segundo a qual o sujeito foi falado traz suas marcas para o tratamento psicanalítico.

Achamos importante considerar algumas diferenças no *setting* analítico em que se dá o trabalho com surdos, tornando-o diferente do seu modelo clássico. Neste, o analista se posiciona fora do alcance dos olhos do paciente, quando este se encontra deitado no divã. Se pensarmos que a língua de sinais se sustenta pelo olhar, esse modelo não se aplica. A psicanálise de pessoas com a surdez passa pelo olhar, e, portanto, o analista precisa colocar-se frente a frente ao analisando. Cabe ressaltar que essa modificação do *setting* não inviabiliza o tratamento.

Freud diz que o olhar do analista frente a frente com seu paciente poderia dificultar a associação livre. Mas quando um analisando está em associação livre valendo-se de sua fala sustentada por sinais, o olhar se desloca da direção do olhar do analista. O analisando, então, fala para si, aos moldes do analisando deitado no divã. Desse modo, consideramos que a mudança de orientação do analisando de deitado no divã para sentado na poltrona frente a frente com o analista, ainda assim não inviabiliza a associação livre e assim como a queda do olhar no tratamento.

A análise de pessoas com a surdez mostra como um sujeito é, de fato, marcado pela linguagem, uma vez que sua fala se sustenta nessa linguagem por meio da qual esse sujeito foi falado. E isso ocorre de diversas maneiras. Há pessoas surdas que utilizam os sinais na vida comum, mas, em tratamento, preferem usar a língua oral. Há aqueles que fazem o contrário, ou seja, utilizam-se da língua oral para falarem com os outros, mas, em análise, sua fala é sustentada em LIBRAS. Há também a utilização da escrita como forma possível de fala. O analisando vem e escreve ao analista uma carta endereçada a ele, relatando as associações livres feitas durante a sessão analítica.

Nesse sentido, o que é a escuta analítica? Escuta-se os significantes desse sujeito que vem falar. E esses significantes, que dizem do modo como ele foi falado, podem se apresentar das mais diversas formas: podem surgir em língua oral, em língua de sinais, por meio da escrita, de desenhos, de signos no corpo... Enfim, a posição do analista sustenta uma fala do lado do analisando. Fala singular, que diz dos sintomas e da constituição do sujeito. Nesse sentido, a escuta analítica vai muito além do simples “ouvir”, no sentido literal do termo. O analista escuta a fala, a voz, o corpo. E essa escuta pode passar “mecanicamente” pelo olhar, quando pensamos numa escuta sustentada pela língua de sinais. Essa modalidade de língua passa pelo sentido da visão e não da audição.

De todo modo, ao concluir, sustentamos que se essa condição particular da língua não inviabiliza a constituição do sujeito da psicanálise tampouco impede sua escuta psicanalítica. Gostaríamos também de sublinhar que essa dissertação, realizada no âmbito de mestrado acadêmico, não tem a pretensão de responder de forma definitiva às questões colocadas. Verificamos que o campo da psicanálise aplicado à questão da constituição do sujeito marcado pela surdez é muito rico e se abre em muitos aspectos. Não poderíamos abordá-lo exaustivamente aqui. Dessa forma, a realização dessa pesquisa tem ao mesmo tempo um caráter de conclusão de uma etapa e de relançamento para outras futuras. Esperamos que ela possa se desdobrar e avançar ainda mais articulando o que a experiência clínica ensina à pesquisas acadêmicas.

### Referências Bibliográficas:

- ALVES, Cida. *Thereza Jessouroun, cineasta, documentarista*. Disponível em: <http://clubedaculturallivre.blogspot.com.br> Acesso em: 15/05/2012.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *O olhar e a voz – lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- ARISTÓTELES. *História dos Animais*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- BENDAYAN Marc e Marianne. *À la découverte de la surdit *. Em : Signes de la vie, revista do Groupe d'étude et de Recherche sur la Surdit , número 1. Paris: Place de la République, 1993.
- BEVILACQUA, Maria Cecília, COSTA FILHO, Orozimbo Alves. *O que   o implante coclear?* Disponível em: <http://www.implantecoclear.com.br> Acesso em: 15/05/2012.
- BLOCH, O.; WARTBURG, W. Won. *Dictionnaire  tymologique de la langue française*. 7<sup>a</sup> edi o. Paris: Presses Universitaires de France, 1932.
- BRANSON, Jan. MILLER, Don. *Dammed for their difference: the cultural construction of deaf people as disabled: a sociological history*. Washington, D. C: Gallaudet University Press, 2002.
- BRÉHIER, Émile. *Histoire de la Philosophie – Tome Premier, L'Antiquité et le Moyen Age – 2 – P riode Hell nistique et Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948. Disponível em: <http://www.consciencia.org/estoicismobrehier.shtml>. Acesso em: 19/02/2012.
- CALDAS, Heloisa. *Da voz   escrita. Clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Pedagogia Visual na educa o de surdos-mudos*. Disponível em: [http://www.cultura-sorda.eu/resources/Tesis\\_Souza\\_Campello\\_2008b.pdf](http://www.cultura-sorda.eu/resources/Tesis_Souza_Campello_2008b.pdf) acesso em: 28/02/2013.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário enciclopédico ilustrado tril ngue da língua de sinais brasileira*. Volume II: Sinais de M a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CARVALHO, Rodrigo Janoni. *Língua de Sinais Brasileira e Breve Histórico da Educa o Surda*. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=466> acesso em: 10/02/2013.
- CATÃO, Inês. *A voz na constitui o do sujeito e na clínica do autismo: O nascimento do Outro e suas vicissitudes*. Faculdade de psicologia e de ciências da educa o. Coimbra: 2005. Disponível em: [http://tede.ibict.br/tde\\_arquivos/1/TDE-2006-08-11T08:43:46Z-394/Publico/1\\_InesCatao\\_Intro\\_Cap2\\_Cap4\\_Biblio%20.pdf](http://tede.ibict.br/tde_arquivos/1/TDE-2006-08-11T08:43:46Z-394/Publico/1_InesCatao_Intro_Cap2_Cap4_Biblio%20.pdf) Acesso em: 14/03/2013.
- \_\_\_\_\_. *O beb  nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2009.
- CERVellini, Nadir Haguiera. *A musicalidade do surdo: representa o e estigma*. São Paulo: Plexus Editora, 2003.
- CLEVE, Van, John V. CROUCH, Barry A. *A place of their own: creating the deaf community in America*. Washington, D.C.: Gallaudet University, 1989.

CUNHA, Angélica Furtado da, COSTA, Marcos Antônio e MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística*. Em: Manual de Linguística/Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Lógicas del sentido* (1969). Disponível em: [www.philosophia.cl](http://www.philosophia.cl). Acesso em: 19/02/2012.

DIAS,

DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. Alemão-Português/Português-Alemão. Lisboa: Porto Editora, 1976.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 15/02/2012.

DIDEROT, Denis. *Cartas sobre os surdos-mudos para o uso dos que ouvem e falam*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

Dicionário de LIBRAS <http://www.acessobrasil.org.br/libras>

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2004.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. *A interpretação das afasias: um estudo crítico* (1891). Lisboa: Edições 70, 1979.

\_\_\_\_\_. *Estudios sobre la histeria* (Breuer y Freud) (1893-95). Em: Sigmund Freud – Obras Completas. Volume II. Buenos Aires: Amorrortu: 1992.

\_\_\_\_\_. *Carta 52* (6 de diciembre de 1896) Em: Sigmund Freud – Obras Completas. Volume I. Buenos Aires: Amorrortu: 1992.

\_\_\_\_\_. *Proyecto de psicología* (1950[1895]) Em: Sigmund Freud – Obras Completas. Volumen I. Buenos Aires: Amorrortu: 1992.

\_\_\_\_\_. *La interpretación de los sueños* (1900[1899]) Em: Sigmund Freud – Obras Completas. Volumen V. Buenos Aires: Amorrortu: 1992.

\_\_\_\_\_. *Tres ensayos de teoría sexual* (1905). Em: Sigmund Freud – Obras Completas. Volumen VII. Buenos Aires: Amorrortu: 1992e.

\_\_\_\_\_. *Introducción del narcisismo* (1914). Em: Sigmund Freud – Obras Completas. Volumen XIV. Buenos Aires: Amorrortu: 1992d.

\_\_\_\_\_. *“Pulsiones y destinos de pulsión”* (1919[1918]) Em: Sigmund Freud – Obras Completas. Volumen XIV. Buenos Aires: Amorrortu: 1992.

\_\_\_\_\_. *“Pegan a un niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales”* (1919). In: Sigmund Freud – Obras Completas. Volumen XVII. Buenos Aires: Amorrortu: 1992.

\_\_\_\_\_. *Psicología de las massas y analisis del yo* (1921). Em: Obras Completas Sigmund Freud. Volumen XVIII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992.

\_\_\_\_\_. *El yo y el ello* (1923). Em: Obras Completas Sigmund Freud. Volumen XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992.

\_\_\_\_\_. *La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad)* (1923). Em: Obras Completas Sigmund Freud. Volumen XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992f.

\_\_\_\_\_. *El sepultamiento del complejo de Edipo (1924)*. Em: Obras Completas Sigmund Freud. Volume XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992g.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

GRANON-LAFONT, Jeanne. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

GUARINELLO, Ana Cristina. *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. São Paulo: Plexus editora, 2007.

GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus editora, 2002.

JESSOUROUN, Theresa. *Dois mundos*, Disponível em: [http://www.portacurtas.com.br/beta/filme/?name=dois\\_mundos](http://www.portacurtas.com.br/beta/filme/?name=dois_mundos). Acesso em: 13/05/2012.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan v.01: As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

KELLER, Helen. *A história de minha vida: com suas cartas (1887-1901) e um relato suplementar sobre sua educação, incluindo trechos das narrativas e cartas da professora, Anne Mansfield Sullivan, por John Albert Macy/ Helen Keller*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

KYLE, Jim. *Sign and school: using signs in deaf children's development*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987.

LABORIT, Emmanuelle. *Le cri de la mouette*. Paris: Robert Laffont, 1993.

\_\_\_\_\_. *O voo da gaivota*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 1996.

LACAN, Jacques. *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade (1932)*. Rio de Janeiro: Forense editora, 1987.

\_\_\_\_\_. *Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953)*. Em: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *A significação do falo (1958)*. Em: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *O seminário livro 1 – Os escritos técnicos de Freud (1953-54)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 4 – A relação de objeto (1956-57)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *O seminário livro 5 – As formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958)*. Em: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *O seminário livro 7: A ética da psicanálise (1959/60)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *O seminário livro 8: A transferência (1960-61)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Identificação Seminário 1961-1962*. Recife: Centro de estudos Freudianos do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_. *O seminário livro 10: A angústia. (1962-63)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- \_\_\_\_\_. *O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1963-64). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Ciência e a verdade* (1965-66). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *L'objet de la psychanalyse* (1965-1966). Disponível em: <http://gaogoa.free.fr/SeminaireS.htm>. Acesso em: 19/02/2012.
- \_\_\_\_\_. *A lógica do fantasma Seminário 1966-1967*. Recife: Centro de estudos Freudianos do Recife, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O aturdido*. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O aturdido*. Versão de circulação interna da Escola Letra Freudiana. Tradução: Dulce Duque Estrada, Maria Lessa de Barros Barreto, Paulo Becker, Sérgio Becker.
- \_\_\_\_\_. *Encore* (1972-1973). Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A terceira* (1974). Versão de circulação interna da Escola Letra Freudiana. Tradução: Ana Lúcia Teixeira Ribeiro.
- \_\_\_\_\_. *Conferencia en Ginebra sobre el sintoma* (1975). Em: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.
- LAPLANCHE, Jean, PONTALIS, Jean-Bertrand, LAGACHE, Daniel. *Diccionario de Psicoanalisis*. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- LOPES, Luiz Manoel. *Teoria do sentido em Deleuze*. Em: *An. Filos.* São João del-Rei, n. 10. p. 203-220, jul. 2003.
- LOUREIRO, Antônio Alfredo Ferreira. *Fundamentos da lógica proposicional*. Disponível em: [http://homepages.dcc.ufmg.br/~loureiro/md/md\\_1FundamentosDaLogica.pdf](http://homepages.dcc.ufmg.br/~loureiro/md/md_1FundamentosDaLogica.pdf) Acesso em: 14/04/2013.
- MACEDO, Mônica Medeiros Kother. *A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta*. *Psychê*, Ano IX, nº15. São Paulo: 2005.
- MILLER, Jacques-Alain. *Jacques Lacan et la voix*. Em : *Quarto : revue de L'École de la Cause Freudienne – ACF : De la voix*. Belgique: ECF, n.54, jun., 1994.
- NOCETTI, Milton A. & FIGUEIREDO, Regina Célia. *Línguas naturais e linguagens documentárias: traços inerentes e ocorrências de interação*. Em: *Revista de Biblioteconomia*. Brasília: 6 (1), jan./jun, 1978.
- OLIVEIRA, Liliane Assumpção. *Fundamentos históricos, biológicos e legais da surdez*. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.
- PLANN, Susan. *A silent minority: deaf education in Spain (1550-1835)*. Los Angeles, University of California Press, 1997.
- POIZAT, Michel. *La voix sourde – La société face à la surdit e*. Paris: Éditions M talli e, 1996.
- QUINET, Ant nio. *A descoberta do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- RABINOVICH, Diana. *Significa o do falo: uma leitura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- REILY, Lucia. *Escola inclusiva: linguagem e media o*. Campinas: Papyrus, 2004.
- RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. *A pulsão e seus destinos* Em: *Os destinos da pulsão: sintoma e sublima o*. Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.

- RINALDI, Doris. *A Ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ROCHA, Solange. *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. Rio de Janeiro: INES, 2008.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Em: Coleção Os Pensadores. São Paulo: 1997, Editora Nova Cultural.
- RUDGE, Ana Maria. *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Educação de surdos: a caminho do bilinguismo*. Niterói: Eduff, 1999.
- SÉRGIO, Ricardo. *Hipérbato, Anástrofe, e Síquise*. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/1967829>. Acesso em: 28/02/2013.
- SILVA, Daniele Nunes Henrique. *Como brincam as crianças surdas*. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- SOLER, Colette. *O sujeito e o Outro I*. Em: Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- STROBEL, Karin. *História da Educação de Surdos*. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf). Acesso em: 24/02/2013.
- TRISKA, Vitor Hugo Couto. *Verdade e técnica em psicanálise*. Porto Alegre: UFRS, 2010.
- VIDAL, Eduardo. *Masoquismo originário: ser de objeto e semblante*. Disponível em: <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra1012/022.pdf>. Acesso em: 15/02/2012
- VIGOTSKI, Lev. *A formação Social da Mente*. São Paulo: 2007, Martins Fontes.
- VIROLE, Benoît. *Figures du silence – Essais cliniques. Autour de la surdit *. Paris: Éditions Universitaires, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Psychologie de la surdit *. Bruxelas : De Boeck & Larcier, 2006.
- VIV S, Jean Michel. *Para introduzir a questão da pulsão invocante*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142009000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000200007). Acesso em: 13/03/2013.
- \_\_\_\_\_. *A pulsão invocante e os destinos da voz*. Em: Psicanálise e Barroco em revista. V.7, n.1: 186-202, jul. 2009. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/13/P&Brev13Vives.pdf>. Acesso em: 19/02/2012.
- \_\_\_\_\_. *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.